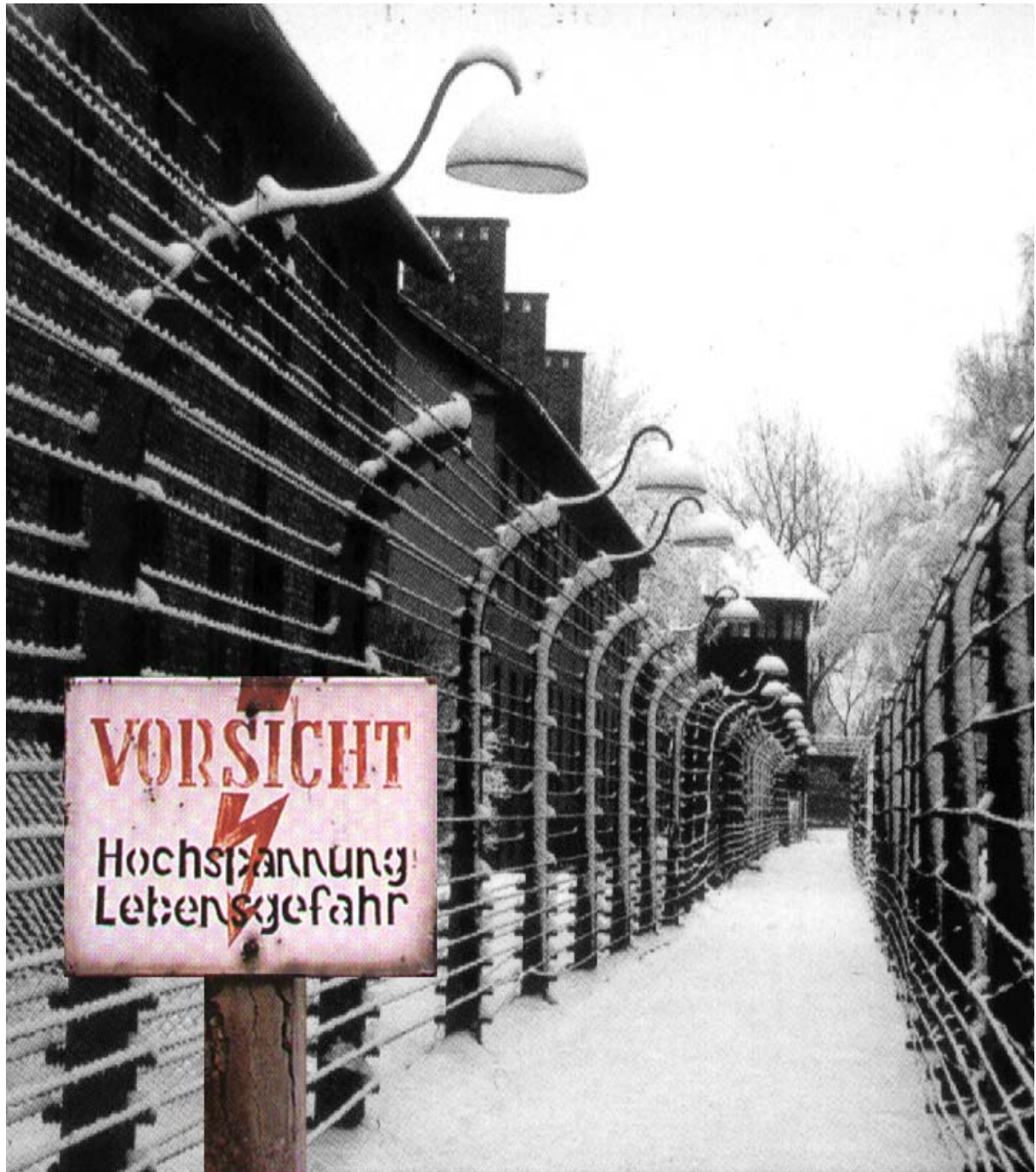


**MIRIAM BETTINA PAULINA OELSNER**

**A linguagem como instrumento de dominação**  
**Victor Klemperer e sua obra**  
***LTI – Lingua Tertii Imperii***

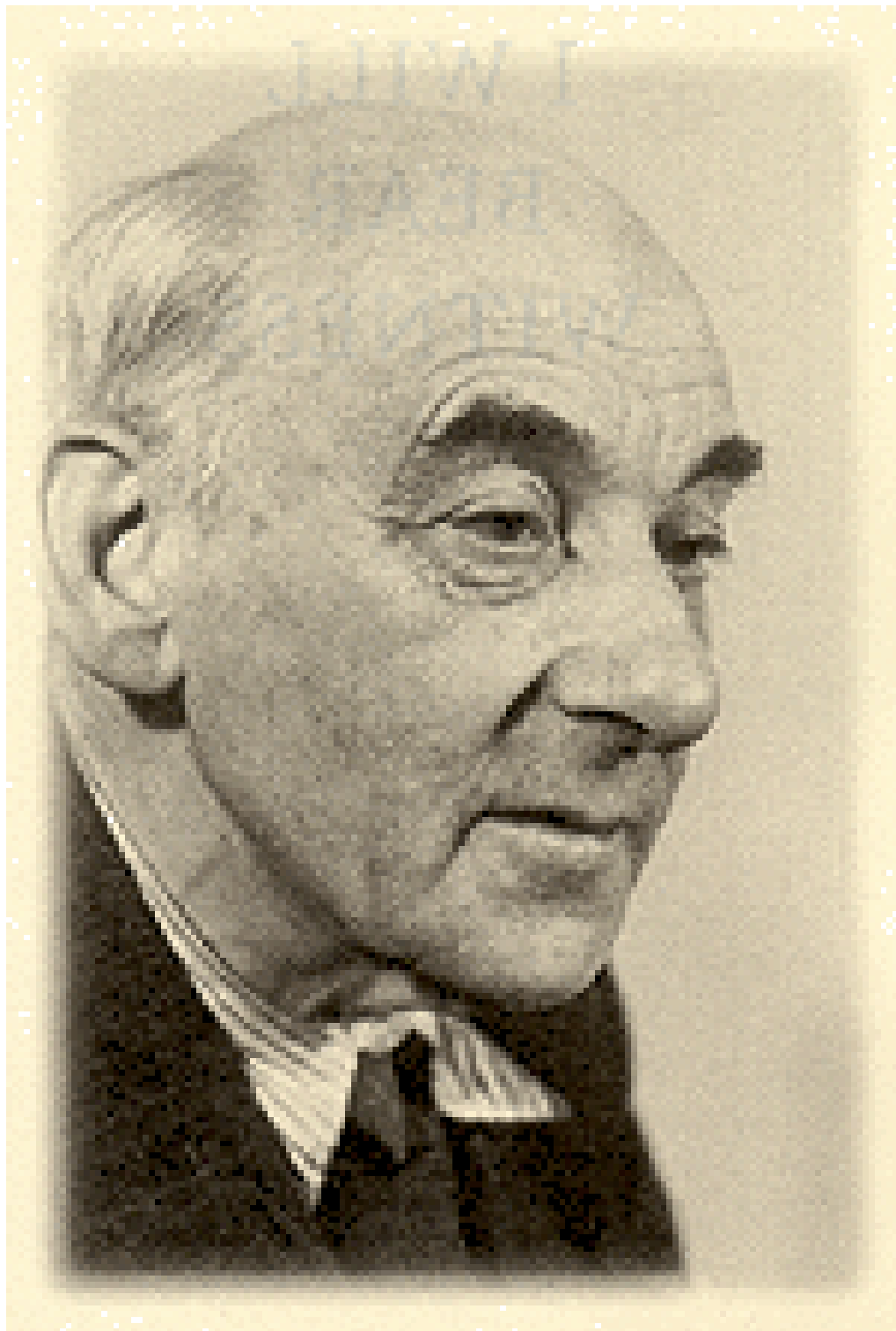
Dissertação apresentada à Banca Examinadora da USP – Universidade São Paulo  
para obtenção do grau de Mestre em Literatura Alemã,  
sob a orientação do Professor Doutor George Bernard Sperber

USP – Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas  
Departamento de Letras Modernas  
Área de Alemão  
Junho de 2002



VORSICHT

Hochspannung!  
Lebensgefahr



VICTOR KLEMPERER  
09.10.1881 – 11.02.1960

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Professor Doutor George Bernard Sperber pela atenção e carinho com que me acompanhou durante o processo de criação deste trabalho, nas várias discussões, críticas construtivas e revisões que conduziram à sua elaboração.

Ao meu companheiro Rubens por seu carinho, estímulo e compreensão para o prosseguimento desta tarefa.

Aos meus filhos Daniel e Débora por sua dedicação e carinho com que sempre me induziram a ir para a frente. A Daniel pela colaboração em verificar os termos no dicionário. A Débora pela realização da ilustração.

Aos filhos de Rubens Fernando e filhos Michael e Aron, Ana Kátia, Rodrigo e Mariana por seu apoio e afeto.

Às minhas cunhadas, aos cunhados e sobrinhos pelo seu apoio e compreensão. E à minha cunhada Ester Kusniec pela leitura do texto.

Ao meu amigo Professor Doutor Mario Dollnikoff por seus conselhos e sua contribuição pela leitura do texto.

Ao meu amigo Professor Doutor Tullo Vigevani pela leitura do texto e críticas construtivas.

Ao meu amigo Professor Doutor Renato Mezan pelas conversas elucidativas e orientação de leituras.

À minha amiga Mazinha pela impressão do texto.

À minha prestimosa auxiliar Maria por sua ajuda constante.

Ao meu amigo José Eduardo das Neves por sua presença na área de informática.

À minha colega Vanessa Coimbra Kosminskas pela leitura do texto.

MIRIAM BETTINA PAULINA OELSNER  
RESUMO PARA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A linguagem como instrumento de dominação  
Victor Klemperer e sua 'LTI' 'Lingua Tertii Imperii'  
Orientador: Prof. Dr. George Bernard Sperber

'LTI' - *'Lingua Tertii Imperii'*, de Victor Klemperer, é uma análise profunda da estrutura mental fascista, a partir do estudo da manipulação da língua alemã pelos detentores do poder na Alemanha, entre 1933 e 1945. O autor prova que essa manipulação ocorreu com a finalidade geral de inculcar a ideologia nazista e a particular de disseminar o anti-semitismo junto ao povo alemão. A obra demonstra que essa nova linguagem foi tão bem engendrada, que a maior parte da população passou a empregá-la, até mesmo alguns judeus, suas principais vítimas. Klemperer, professor de Filologia Românica na Universidade de Dresden, era um judeu assimilado e até mesmo convertido à confissão luterana, que foi pego de surpresa pela discriminação inerente ao nazismo, que negou sua alemanidade e o relembrou violentamente de seu judaísmo. Mesmo segregado e humilhado, conseguiu sobreviver, empenhando-se em manter sua dignidade interior, anotando de forma quase obsessiva suas observações sobre a manipulação da linguagem, o medo e o fanatismo no regime nazista. A dissertação faz uma análise pormenorizada dos diversos capítulos da obra, mediante excertos de suas principais frases, com a respectiva tradução. Encerra-se com um glossário que reúne perto de seiscentos termos da linguagem nazista, traduzidos para o português e acompanhados de um levantamento daqueles termos que perduraram após o fim do regime, daqueles que desapareceram ou simplesmente voltaram para o uso anterior, bem como daqueles que foram “tabuizados”.

ZUSAMMENFASSUNG DER MAGISTER-DISSERTATION VON  
MIRIAM BETTINA PAULINA OELSNER

„Sprache als Instrument der Herrschaft“

Victor Klemperer und sein Werk „LTI“ – Lingua Tertii Imperii

Betreuer: Prof. Dr. George Bernard Sperber

„LTI“ – Lingua Tertii Imperii, von Victor Klemperer, ist eine tiefgreifende Analyse der faschistischen geistigen Struktur, ausgehend aus der Untersuchung der Manipulation der deutschen Sprache durch die Machthaber in Deutschland, von 1933 bis 1945. Der Autor beweist, daß diese Manipulation das allgemeine Ziel hatte, der deutschen Bevölkerung die Nazi Ideologie einzubleuen, und das besondere, den Antisemitismus zu verbreiten. Das Werk beweist, daß diese Sprache so gut ausgearbeitet wurde, daß der größte Teil der Bevölkerung sie übernahm, sogar einige Juden, ihre größten Opfer. Klemperer, Professor der Romanistik an der Universität Dresden, war ein assimilierter Jude, der sogar zum lutherischen Glauben übertreten war, und der durch die dem Nazismus inhärente Diskriminierung, die ihm sein Deutschtum verleugnete und ihn gewaltsam an sein Judentum erinnerte, überrascht wurde. Selbst abgegrenzt und gedemütigt, vermochte er zu überleben, indem er sich bemühte, seine innere Würde aufrecht zu erhalten, durch ständige, fast besessene Notizen seiner Beobachtungen über die Manipulation der Sprache, die Angst und den Fanatismus des Naziregimes. Die Dissertation untersucht im Detail die verschiedenen Kapitel des Werks, durch Exzerpte ihrer wichtigsten Sätze, mit der dazu gehörigen Übersetzung ins Portugiesische. Sie endet mit einem Glossar von rund sechshundert Wörter der Nazisprache, ins Portugiesisches übersetzt und begleitet von einer Erhebung derjenigen Termini, die das Ende des Regimes überdauerten, verschwanden oder einfach zu ihrem früheren Gebrauch zurückkehrten, sowie derer, die „tabuisiert“ wurden.

## ÍNDICE

1.	Introdução.....	9
1.1	À guisa de intróito.....	9
1.2	A obra e as suas circunstâncias .....	12
1.3	O autor.....	22
2.1	Paráfrase.....	41
2.2	O prefácio: <i>Heroismus – Statt eines Vorwortes</i> Heroísmo ao invés de um prefácio.....	41
2.3	Capítulo I “ <i>LTI</i> ” .....	46
2.4		
2.5	Capítulo II <i>Vorspiel</i> Prelúdio.....	50
2.6	Capítulo III <i>Grundeigenschaft: Armut</i> Característica principal: a pobreza.....	51
2.7	Capítulo IV <i>Partenau</i> .....	55
2.8		
2.9	Capítulo V <i>Aus dem Tagebuch des ersten Jahrens</i> De “O diário do primeiro ano” .....	57
2.10	Capítulo VI <i>Die drei ersten Wörter nazistisch</i> As três primeiras palavras nazistas.....	64
2.11	Capítulo VII <i>Aufziehen</i> Dar corda, atíçar, mecanizar.....	67
2.12	Capítulo VIII <i>Zehn Jahre Faschismus</i> Dez anos de fascismo.....	70
2.13	Capítulo IX <i>Fanatich</i> Fanático .....	73
2.14	Capítulo X <i>Autochtone Dichtung</i> Criação literária popular.....	75
2.15	Capítulo XI <i>Grenzverwischung</i> Desfazendo fronteiras.....	77

2.16	Capítulo XII <i>Interpunktion</i> Sinais de pontuação na linguagem nazista .....	79
2.17	Capítulo XIII <i>Namen</i> Nomes.....	80
2.18	Capítulo XIV <i>Kohlenklau</i> Ladrão de carvão.....	86
2.19	Capítulo XV <i>KNIF – kommt nicht in Frage</i> Nem pensar.....	89
2.20	Capítulo XVI <i>An einem einzigem Arbeitstag</i> Em um único, dia de trabalho.....	93
2.21	Capítulo XVII <i>System und Organisation</i> Sistema e organização.....	95
2.22	Capítulo XVIII <i>Ich glaube an ihn</i> Eu acredito nele.....	100
2.23	Capítulo XIX <i>Familienanzeigen als kleines Repetitorium der 'LTI'</i> Pequena apostila da LTI nos anúncios familiares....	110
2.24	Capítulo XX <i>Was bleibt?</i> O que sobra, o que resta? .....	114
2.25	Capítulo XXI <i>Die deutsche Wurzel</i> A raiz alemã.....	117
2.26	Capítulo XXII <i>Sonnigeweltanschauung (aus Zufalslektüre)</i> Visão de mundo ensolarada (por leitura casual) ...	126
2.27	Capítulo XXIII <i>Wenn zwei das selbe tun ...</i> Quando dois fazem o mesmo... ..	130
2.26	Capítulo XXIV <i>Café Europe</i> .....	136
2.27	Capítulo XXV <i>Der Stern</i> A estrela.....	140
2.28	Capítulo XXVI <i>Der jüdischer Krieg</i> A guerra judaica.....	144
2.29	Capítulo XXVII <i>Die jüdische Brille</i> Com óculos de judeu.....	151



2.30	Capítulo XXVIII <i>Die Sprache des Siegers</i> A linguagem do vencedor.....	155
2.31	Capítulo XXIX <i>Zion</i> Sion.....	161
2.32	Capítulo XXX <i>Der Fluch des Superlativs</i> A praga do superlativo.....	167
2.33	Capítulo XXXI <i>Aus dem Zug der Bewegung</i> Do impulso do movimento... ..	172
2.34	Capítulo XXXII <i>Boxen</i> Boxear.....	176
2.35	Capítulo XXXIII <i>Gefolgschaft</i> Séquito.....	180
2.36	Capítulo XXXIV <i>Die eine Silbe</i> Aquela uma sílaba.....	185
2.37	Capítulo XXXV <i>Die Wechselbrause</i> Ducha de contraste.....	188
2.38	Capítulo XXXVI <i>Die Probe aufs Exempel</i> A prova dos nove.....	193
2.39	Capítulo XXXVII <i>„Wejen Ausdrücken“. Ein Nachwort</i> Por causa de expressões. Posfácio.....	209
3.	Conclusão.....	211
4.	Glossário.....	216
5.	Bibliografia.....	254

Dedico este trabalho às vítimas do nazismo.  
À minha avó Pauline Teutsch, assassinada em Auschwitz.

*..die stärkste Wirkung (der 'LTI') wurde nicht durch Einzelreden ausgeübt, auch nicht durch Artikel oder Flugblätter, durch Plakate oder Fahnen, sie wurde durch nichts erzielt, was man mit bewusstem Denken oder bewusstem Fühlen in sich aufnehmen musste. ...der Nazismus glitt in Fleisch und Blut der Menge über durch die Einzelworte, die Redewendungen, die Satzformen, die er ihr in millionenfachen Wiederholungen aufzwang und in die mechanisch und unbewusst übernommen wurden<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> O efeito mais forte da 'LTI' não foi exercido por discursos isolados, nem por matérias jornalísticas, ou panfletos, cartazes ou bandeiras. Não foi alcançado por nada que tivesse a ver com pensamento consciente ou sentimento consciente. ...o nazismo adentrou no sangue e carne das massas por palavras isoladas, formas de falar, formas de frases, que lhe foram impingidas por milhões de repetições e que foram absorvidas de forma mecânica e inconsciente. KLEMPERER, Victor, *LTI Notizbuch eines Philologen*, Reclam /Verlag, Leipzig, 1996, p.24. As próximas referências a esse livro constarão como 'LTI'.

## 1. Introdução

*Gift, das du unbewusst eintrinkst und das seine Wirkung tut.*<sup>2</sup>

*Und wenn die gebildete Sprache aus giftigen Elementen gebildet oder zur Trägerin von Giftstoffen gemacht worden ist? Worte können sein wie winzige Arsendosen: sie werden unbemerkt verschluckt, sie scheinen keine Wirkung zu tun, und nach einiger Zeit ist die Giftwirkung doch da.*<sup>3</sup>

### 1.1. À guisa de intróito

A presente dissertação de mestrado pretende ser algo mais do que um trabalho acadêmico. Quer ser uma homenagem a Victor Klemperer, a partir de seu estudo sobre a manipulação da língua alemã pelo regime nacional-socialista, que originou seu livro 'LTI – *Lingua tertii Imperii*<sup>4</sup>, publicado inicialmente em 1947. O primeiro objetivo desta dissertação é, portanto, o de divulgar esta obra entre leitores brasileiros, demonstrando que o seu autor consegue provar efetivamente que a cúpula nazista usou a manipulação do idioma alemão durante o período de 1933 a 1945 como um dos seus principais instrumentos de dominação.

Sob esta ótica, após uma síntese sobre a vida do autor, visando a situá-lo no tempo e no espaço, levando-se em consideração o fato de o livro 'LTI' não ter sido ainda traduzido e publicado em língua portuguesa, pretende-se apresentar paráfrases dos trinta e seis capítulos, do prefácio e do posfácio que compõem a obra. Foram escolhidos os excertos mais representativos do teor de cada capítulo, oferecendo assim ao leitor desta dissertação a oportunidade de se aproximar do trabalho de coleta de exemplos e da qualidade analítica de Klemperer. O trabalho conclui com um glossário das palavras e expressões que Klemperer enumera como fazendo parte da língua do Terceiro Reich, e ainda, um levantamento daquelas, dentre elas, que permaneceram na língua alemã corrente de hoje em dia. O glossário é acompanhado de uma tradução ao português.

---

<sup>2</sup> “Veneno, que bebes sem perceber, e que age sobre ti”. 'LTI' p. 80.

<sup>3</sup> 'LTI', p. 25. “E quando a língua culta é composta por elementos venenosos, ou quando ela é a portadora do veneno? Palavras podem ser como doses minúsculas de arsênico: são ingeridas sem que se perceba, aparentam ser inócuas e passado um tempo o efeito do veneno aparece”.

<sup>4</sup> Linguagem do Terceiro Reich.

Cabe ainda justificar os motivos que me levaram à escolha desta obra como tema para uma dissertação de mestrado. Sou filha de um casal de judeus alemães, emigrados, como se dizia na época, de sua terra natal para o Brasil; exilados, como é preferível dizer hoje, para salvar suas vidas, fugindo da implacável perseguição nazista. Cresci, portanto, num lar com profundas raízes culturais judias, mas também, raízes culturais alemãs igualmente profundas. O período nazista significou uma ruptura insanável na história da minha família – e do meu povo, por que não – e, portanto, é algo que me diz respeito muito diretamente.

Tão logo tive contato com a 'LTI' comecei esta pesquisa porque o assunto "*hat mich betroffen*", me tocou profundamente. É um tema sobre o qual sempre quis me debruçar. É uma busca do espírito do tempo, *Geist der Zeiten*, uma tentativa de desvendar o ambiente cultural, os usos e costumes que meus pais, judeus desterrados da Alemanha devido ao nazismo, trouxeram em seu bojo para o Brasil e que foi o espaço em que se desenrolaria o cerne da nossa vida familiar. Um tanto da Europa judaica, outro tanto do Brasil católico, judeu e paulistano. O Brasil não foi considerado exílio por meus pais, mas sim a nova pátria que abraçaram para sempre, como grande parte dos judeus que vieram para cá naquela época.

Há ainda um outro motivo pessoal para este trabalho. Para mim, este estudo é um elo entre a *zedaká*, a justiça social, praticada por meus pais, e meu compromisso em seguir os valores judaicos e universais. A forma que encontrei para realizar esta empreitada foi a de aprofundar os meus conhecimentos sobre o nazismo tentando, mesmo que modestamente, contribuir para que novos regimes totalitários não mais abusem da linguagem como instrumento para os seus nefastos fins.

Há ainda um outro elo com Victor Klemperer: mantidas as devidas proporções, ambas as frases iniciais da 'LTI', "*Sprache ist mehr als Blut*<sup>5</sup>" de Franz Rosenzweig, professor de meu pai em Frankfurt, e também a frase inicial d' "Os Diários de Victor Klemperer"<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> 'Língua é mais do que sangue'. Para os nazistas o termo *Blut*, sangue tinha a conotação de preservação da identidade genética, o retorno ao ancestral gótico, nórdico, e não o judeu, identificado como semita.

<sup>6</sup> KLEMPERER, Victor, Os diários de Victor Klemperer 1933-45, tradução de Irene Aron, Cia. das Letras, São Paulo, 1999 . As próximas referências a esse livro constarão como "Diários".

prestam tributo à coragem de quem corre riscos por um ideal maior. No dizer de Klemperer, ele assumiu correr risco de vida para prestar este testemunho, aqui estudado, porque „*eine Tendenz im Spiel ist, weil ich mit dem wissenschaftlichen Zweck zugleich einen erzieherischen verfolge*<sup>7</sup>“.

Desde o final da Segunda Guerra Mundial vêm sendo feitos todo tipo de estudos para tentar desvendar a tragédia que foi a *Shoá*<sup>8</sup>. Dentro da assim chamada “literatura de testemunho” surgiram livros como os “Diários de Anne Frank”, publicados logo no pós-guerra, e, posteriormente, os de Primo Levi, Bruno Bettelheim ou a poesia de Paul Celan, dentre outros tantos. Desses três sobreviventes de campos de concentração dois se suicidaram devido, provavelmente, à depressão causada pela guerra. Bruno Bettelheim fez outro tanto pouco tempo depois de enviuvar. Contudo, durante as quatro décadas imediatamente posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial, pouco ou nada se soube em Ocidente de outros testemunhos, publicados em países do bloco socialista. Depois da reunificação alemã, entretanto, com a maior divulgação da literatura da antiga República Democrática Alemã, tornou-se conhecida mundialmente a obra de Victor Klemperer, que tinha começado a ser publicada na Alemanha Oriental no imediato pós-guerra. Mesmo antes da guerra sua obra acadêmica já merecera um verbete na Enciclopédia Brockhaus. A edição de 1995 desta Enciclopédia avalia a 'LTI' de Victor Klemperer: “*Als sein wichtigstes Werk gilt 'LTI – Lingua Tertii Imperii' - 1947; dieses 'Notizbuch eines Philologen' erhellt durch Beobachtung und Analyse der Sprache die faschistischen Denkstrukturen*<sup>9</sup>”. Fica claro, portanto, que seu testemunho é de enorme valor, não somente no sentido filológico, como também por ser talvez o único, ou pelo menos um dos poucos relatos daquele período feito de dentro do espaço em que se desenrolava o nazismo. Klemperer desenvolveu seus estudos limitado ao contato direto que tinha com a população de Dresden. A 'LTI' é a forma acabada da organização de suas memórias, estruturadas por temas, dentro de sua especialidade de lingüista.

---

<sup>7</sup> “Porque há uma tendência em jogo, afora a razão científica, eu persigo também um objetivo educacional”. 'LTI' p. 23.

<sup>8</sup> Termo criado por Elie Wiesel, a partir da denominação de certo tipo de sacrifício, prescrito no Pentateuco, Levítico 1-10: Tipos de sacrifício: o animal inteiro (bovinos machos, cordeiros e cabritos) é queimado (“desfazer-se em fumaça”). Este tipo de sacrifício ainda foi praticado no antigo Templo de Jerusalém.

## 1.2. A obra e as suas circunstâncias

Victor Klemperer foi Professor Titular de Filologia Românica na Universidade Técnica de Dresden a partir de 1920. Diferentemente de muitos intelectuais judeus, permaneceu na Alemanha durante o regime nazista e foi destituído de seu cargo em 1935 pelas leis raciais de Nürenberg “para proteção do sangue e da honra alemãs<sup>10</sup>”.

Desde o início do nazismo, em 1933, Klemperer se deu conta de que a língua alemã vinha sendo manipulada pela cúpula governamental, com o intuito de fazer vicejar na mente do povo alemão a idéia central da ideologia nacional-socialista, a de que os judeus eram os verdadeiros culpados por todos os males que assolavam a Alemanha e que deveriam ser, portanto, eliminados. O extermínio dos judeus transformou-se em política oficial em 1942, quando da concretização do projeto da “solução final”, a *Endlösung*. O pensador austríaco Karl Popper, em *Prediction and Prophecy in the Social Sciences* (1948) esclarece a proposição da *Endlösung*<sup>11</sup>, idealizada pelos nazistas, com a seguinte frase: “A teoria da conspiração é a visão segundo a qual tudo o que se produz na sociedade – aí incluídas as coisas de que, regra geral, as pessoas não gostam, tais como a guerra, o desemprego, a miséria, a penúria – é o resultado direto dos desígnios de alguns indivíduos ou grupos poderosos. Esta visão está muito difundida, se bem que represente uma superstição bastante primitiva. (...) Em sua forma moderna, ela é um típico resultado da laicização das superstições religiosas... O culpado é aquele a quem o delito ou o crime beneficia<sup>12</sup>. Esta é a visão policial da história<sup>13</sup>”.

Para Klemperer a mudança paulatina feita pelos líderes nazistas na língua foi como “veneno que bebes sem perceber, e que age sobre ti”, paráfrase que ele criara a partir de

---

<sup>9</sup> A 'LTI', 1947 consta como sua obra mais importante. Essas ‘Anotações de um Filólogo’ esclarecem por meio de observação e análise da linguagem as estruturas mentais fascistas.

<sup>10</sup> KLEMPERER, Victor, "Diários", p. 857

<sup>11</sup> Na verdade a “solução final” já estava definida. Somente o termo ‘Endlösung’ é de Adolf Eichmann, escolhido dentre vários outros, na reunião de Wannsee em Berlim, em 20 de janeiro de 1942 visando ao extermínio dos judeus.

<sup>12</sup> No Capítulo XXVI – *Der jüdische Krieg* (a guerra judaica), 'LTI', p.218 Klemperer mostra como Hitler conseguiu difundir esta idéia na sociedade alemã.

<sup>13</sup> In POLIAKOV, Léon: “*Causalidade Diabólica I – Ensaio sobre a origem das perseguições*”, Editora Perspectiva. São Paulo, 1991, p.10.

uma frase de Schiller (1759-1805) “*Sprache, die für dich dichtet und denkt*”<sup>14</sup>, e que ele emprega amiúde na 'LTI'. O título foi escrito em latim não somente para não ser descoberto pela Gestapo<sup>15</sup>, mas também parodiando o sem-número de abreviaturas criadas pelo regime, e indica que se trata de uma análise crítica da língua alemã no período do Terceiro Reich. Foi redigido a partir das anotações em seus "Diários" e editado e publicado pela primeira vez no imediato pós-guerra em 1947<sup>16</sup>.

Klemperer procura aprofundar o conhecimento dos efeitos da 'LTI' no comportamento do povo alemão. Denuncia a proposição nazista de induzir o alemão a pensar e sentir o judeu como seu grande inimigo, que, pelo fato de ter empestado o sangue germano por mais de dois mil anos, deve ser extirpado da sociedade alemã e até mesmo do planeta<sup>17</sup>. A 'LTI' conclama o povo alemão a buscar suas origens junto aos ancestrais nórdicos, os supostos patriarcas da pureza do sangue germano.

Retomando a idéia do veneno lentamente instilado, pode-se dizer que por meio da 'LTI' Klemperer prova que o Terceiro Reich alterou a língua alemã através de um processo comparável a minúsculas doses de arsênico, que, absorvidas inadvertidamente, aparentam ser inócuas; mas, passado algum tempo, o seu efeito tóxico aparece, como foi ocorrendo, de fato, ao longo do período de doze anos que durou o nazismo. Aliás, mais recentemente essa frase é citada com maior freqüência, na medida em que o trabalho de Klemperer se torna cada vez mais conhecido e mais valorizado. Em 1995 a obra de Victor Klemperer recebeu postumamente o prêmio de literatura alemã *Geschwister Scholl*<sup>18</sup>, sendo comentado com estas palavras por Martin Walser<sup>19</sup>:

„Sinnvoll wäre, dafür zu sorgen, dass Klemperer überall gegenwärtig wäre, dass er zu einer wichtigen Auskunftquelle über diese Epoche deutscher Geschichte werden würde.

<sup>14</sup> Língua que poetiza e pensa por ti.

<sup>15</sup> *Geheime Staatspolizei* (Polícia Secreta do Estado) comandada pelas SS (Schutzstaffel) – Tropas de Proteção. Encarregadas primeiramente da proteção de Hitler, as SS dedicavam-se principalmente aos campos de concentração e extermínio e à espionagem.

<sup>16</sup> A partir desta data surge a literatura de ficção do pós-guerra. Entre os principais autores encontram-se Heinrich Böll, Bertoldt Brecht, Dürrenmatt, Max Frisch, estes dois suíços. Já na década de 1960 surge o livro ‘O Vigário’ de outro suíço: Rolph Hochhut, traduzido para o português em 1965.

<sup>17</sup> No dizer da Hannah Arendt.

<sup>18</sup> Hans e Sophie Scholl, militantes antinazistas do grupo “Die Weisse Rose”, assassinados pela polícia do regime em 1943.

<sup>19</sup> Escritor e crítico social alemão, nascido em 1927.



*Ich kenne keine Mitteilungsart, die uns die Wirklichkeit der NS-Diktatur fassbarer machen kann, als es die Prosa Klemperers tut*<sup>20</sup>“.

A 'LTI' vem mostrando ser uma das fontes mais fidedignas do cotidiano alemão durante os doze anos do horror nazista, pois consegue manter a autenticidade das sensações ou pensamentos que Klemperer teve. Muita gente de fato se deixou envolver como se fosse o 'canto da sereia' por questões como as que Klemperer descreve: a linguagem, a propaganda, o desejo de participar, a sedução por uma redenção, etc.

O trabalho nesta obra exigiu que muitas vezes Klemperer se levantasse às 3h30, sempre com muito medo, pois chegou a ser prisioneiro da polícia de Dresden durante uma semana em junho de 1941 em cela solitária<sup>21</sup> e detido pela Gestapo durante algumas horas em 8 de janeiro de 1942<sup>22</sup>. Ambos esses fatos acrescidos de uma busca domiciliar pelos agentes Clemens e Weser da Gestapo de Dresden, apelidados de *Boxer* e *Spucker* e xingados como *Bluthunde*<sup>23</sup>, reforçam sua decisão de assumir a responsabilidade de prestar testemunho às gerações seguintes das experiências por ele vividas: “*Ich will Zeugnis ablegen bis zum letzten*” (Seguirei escrevendo. Esse é o meu heroísmo. Prestarei testemunho, testemunho exato, Dresden, 27 de maio de 1942<sup>24</sup>”.

A obra de Klemperer traz revelações inéditas sobre a experiência dos judeus, durante a Segunda Guerra Mundial em cidades alemãs em geral e em Dresden em particular. É literatura de testemunho urbano<sup>25</sup>. Trata-se, em última instância, de mais uma concretização de uma atitude judaica atávica em relação à história, a de registrar a todo custo o passado para conhecimento das gerações futuras. Ao mesmo tempo esta obra denota a capacidade

<sup>20</sup> Seria correto preocupar-se com que Klemperer estivesse presente em toda parte e se tornasse uma importante fonte de informação sobre aquela época da história alemã. Não conheço outra forma de comunicação que nos transmita de maneira mais clara a verdade sobre a ditadura nacional-socialista, do que a prosa de Victor Klemperer.

<sup>21</sup> "Diários", p. 354.

<sup>22</sup> Capítulo 2.28 -XXVI – *Der jüdische Krieg*, 'LTI', p. 218

<sup>23</sup> 'Cães sanguinários', em *Im Herzen der Finsternis*, pp. 152 e 155. Weser se suicida após a guerra e Clemens torna-se agente duplo alemão-soviético, de 1956 a 1961.

<sup>24</sup> Esta frase passou a ser o nome dos "Diários" para o período da Segunda Guerra Mundial. "Diários", p.466.

<sup>25</sup> Difere dos "Diários de Anne Frank", que foram escritos no esconderijo em Haia e foram interrompidos, quando Anne Frank foi enviada para o campo de concentração.

de resiliência<sup>26</sup> de seu autor, de não se deixar subjugar pelo horror nazista, extraindo de seu interior a energia e a consciência de que o regime tinha de ser combatido ainda que mais não fosse pelo mero registro de seus desmandos.

É necessário esclarecer que em 1946, quando Klemperer redige a 'LTI', baseado nas anotações de seus "Diários", ele se encontrava em estado de grande efervescência mental pelo fato absolutamente milagroso de ele e sua mulher terem sobrevivido não apenas durante todo o período nazista, mas também à tragédia de Dresden<sup>27</sup>, para poder prestar seu depoimento às gerações futuras. Mesmo assim, sua forma de redigir é prolixa. Em todos os temas que desenvolve, ele remete às origens de seu contato inicial com a questão. A estrutura do livro vem em um crescendo no tempo e na intensidade dos fatos relatados, sendo que até o capítulo final paira uma visão de incerteza sobre a própria sobrevivência. Klemperer apresenta a diversidade por meio da qual a 'LTI' se manifestou. Não apenas por palavras ou expressões idiomáticas, mas também através de tipos de comportamento, da manifestação da crença no poder do ditador Hitler, de achar 'normal' sentir preconceito contra os judeus e, sobretudo, através do apelo às profundezas do sentimento místico de cada ser humano. O autor consegue mostrar que a 'LTI' se pautou na repetição de mentiras expressas por meio de frases prontas e de impacto, criando um clima de desconfiança geral.

Cada capítulo é um tema à parte, com um formato semelhante ao de uma aula ministrada pelo catedrático Victor Klemperer, mas todos estão unidos entre si por meio de um denominador comum, a perversidade nazista. Quase que somente nos capítulos iniciais Klemperer permite entrever que está escrevendo no pós-guerra. Os temas abordados vão desde as primeiras palavras nazistas, a necessidade dos alemães demonstrarem sua adesão ao nazismo dando nomes germânicos às crianças, o carisma de Hitler, o pavor que os nazistas sentem de seus opositores, a mania de grandeza dos potentados nazistas - até chegarem ao compromisso de eliminar o povo judeu. O caráter insidioso do idioleto nazista fica ainda mais evidente quanto o autor sente como um "tapa na cara" o fato de até mesmo

---

<sup>26</sup> Foi defendida a tese de doutorado "A escritura da resiliência: testemunhas do holocausto e a memória da vida" pelo Dr. José Roberto Pretel Pereira Job, no Prog. de Pós-graduação de Psicologia Clínica da PUC de São Paulo, em 2000.

<sup>27</sup> Bombardeio sobre a cidade em 13 e 14 de fevereiro de 1945 em que cem mil pessoas sucumbiram.

os judeus utilizarem, despercebidamente ou não, a linguagem nazista<sup>28</sup>. O texto acompanha o levantamento dos fenômenos lingüísticos com uma narrativa relativamente isenta das reflexões do autor até o capítulo 2.27-XXV, no qual consta que em 19 de setembro de 1941 ocorre a obrigatoriedade do uso da estrela amarela, com a insígnia *Jude* em caracteres hebraizantes. A partir desse fato o amargor das experiências atinge o autor de maneira mais intensa e o livro ganha contornos de desespero sem solução. Desta forma, enquanto a cronologia dos "Diários" é a do tempo, a cronologia da 'LTI' é regida pela evolução das baixas sofridas pelo exército alemão. Provavelmente será difícil encontrar outro relato com a pungência da 'LTI' sobre os desmandos da cúpula nazista em relação aos judeus alemães na vida urbana. Não se encontram situações de denúncia entre judeus como se vê no filme *Kapò*<sup>29</sup>, sobre a maquinaria da obrigação da delação entre judeus em campos de concentração<sup>30</sup>. Mas Klemperer explica que dentre os piores momentos do uso da estrela amarela estão os contatos com a categoria dos '*Privilegierten*' como descritos no Capítulo 2.27 - XXV. Os judeus ficam em tal estado de isolamento que Klemperer qualifica a exclusão social de 'independência adquirida'. Torna-se quase impossível entender os fatos, o que não impede o autor de prosseguir as anotações de suas observações, que são sua arma para manter sua saúde mental.

No fim da guerra, Victor Klemperer opta por permanecer em Dresden, onde tem sua casa e onde se instala um novo regime político, dirigido pelo KPD – *Kommunistische Partei Deutschlands*<sup>31</sup>, com o qual ele se sente identificado. Mesmo assim, ele está consciente de que novamente poderá predominar uma outra forma de totalitarismo, assim como se ressentia da falta de um ambiente mais erudito. No texto da 'LTI', Klemperer faz alguns elogios ao regime soviético, do qual espera mais firmeza contra os nazistas do que percebe que há na Alemanha Ocidental, como foi o caso do julgamento de Clemens na Itália em 1948, em que injustamente recebe liberdade<sup>32</sup>.

---

<sup>28</sup> Capítulo 2.30 - XXVIII.

<sup>29</sup> „Kapò“, 1959 – Filme italiano

<sup>30</sup> Segundo alguns psicanalistas o universo concentracionário invalida o próprio discurso psicanalítico. Anotações das aulas do Prof. Dr. Fabio Landa na FFLCH – USP em 1998.

<sup>31</sup> Partido Comunista da Alemanha.

Quanto ao início do nazismo, apesar de já na primeira hora Klemperer ter se dado conta da tragédia que seria o regime de Hitler<sup>33</sup>, sua grande falha foi não ter percebido que se tratava de um processo político irreversível, enclausurado que vivia até então em sua cátedra de filólogo da literatura francesa a partir do Século XVIII, dedicando especial atenção aos pensadores e escritores iluministas e enciclopedistas Montesquieu, Voltaire e Diderot, que segundo ele próprio eram anacrônicos.

Acreditou que sua medalha de cruz ao mérito militar pelos serviços prestados na Primeira Guerra Mundial fosse protegê-lo<sup>34</sup>. Considerava os nazistas um corpo estranho na Alemanha, que não conseguiria se eleger e muito menos se impor.

Revela outro fato quase desconhecido do público em geral, que faz questão de registrar, que logo após a reunião da cúpula nazista em Wannsee, em 20 de janeiro de 1942 em Berlim, onde foi acatada a proposta de Adolf Eichmann pela “solução final” Dresden também passa a ter seu campo de concentração, Hellerberg, de onde a maioria dos conhecidos dos Klemperer foi transportada para os campos de extermínio, de onde somente as cinzas retornaram. Cnicamente, a Gestapo permitia o enterro destas vítimas, dentro do ritual judaico. Era a ocasião em que todos conseguiam rever-se e aperceber-se de quem ainda se encontrava no mundo dos vivos.

Para se conhecer a vida de Victor Klemperer, nada melhor do que recorrer a seu livro “*Curriculum Vitae*”<sup>35</sup>. Nele, percebe-se que desde jovem fora uma pessoa de espírito crítico aguçado, não somente por si mesmo, mas também através de seu convívio familiar culto e politicamente atualizado. Sua determinação em especializar-se na obra daqueles autores franceses, a formação filosófico-acadêmica de seu pai, bem como a de rabino da comunidade judaica reformista, além da formação profissional de seus irmãos, tornam

---

<sup>32</sup> Clemens participou de um massacre na Itália e se auto-denominou de ‘Tigre de Como’. Após trabalhar como agente duplo alemão-soviético, de 1956-61, foi condenado finalmente a ‘meros’ dez anos de prisão.

<sup>33</sup> Cf. Capítulos II – Prelúdio e VIII – Dez anos de fascismo, ‘LTI’, pp. 26 e 66.

<sup>34</sup> Do mesmo modo sentiram-se protegidos muitos ex-combatentes judeus alemães. A mesma sensação de falsa segurança é evocada no epílogo do “Diário” de Anne Frank quando o oficial nazista que prende a família Frank recrimina o pai por não ter confiado no fato dele ser portador da cruz ao mérito militar.

<sup>35</sup> In KLEMPERER, Victor. „*Curriculum Vitae. Erinnerungen 1881-1918*“. Aufbau Taschenbuchverlag. Berlim, 1996. As próximas referências a esse livro constarão como “Curriculum”.

Klemperer um dos casos raros de opositor consciente contra a máquina nazista que não foi transportado para um *Lager*<sup>36</sup>, ou *geholt* (buscado) pela Gestapo<sup>37</sup>, temível polícia secreta do regime nazista, na calada da noite para um caminho sem volta, mas que enquanto escrevia, não sabia se sobreviveria à guerra. Este pavor de ser buscado para a morte acompanha-o até o fim da guerra, conforme consta do capítulo final da 'LTI'.

Já em julho de 1945 é procurado por um editor interessado em publicar seus "Diários", mas Klemperer recusa-se a fazê-lo. Faz então uma leitura cuidadosa dos manuscritos dos "Diários" e das bases da 'LTI', embutida neles e opta por elaborar e publicar a 'LTI'.

Por que? No imediato pós-guerra, o estado de penúria, destruição e desmoralização em que o povo da Alemanha se encontrava não lhe permitiu assumir conscientemente sua participação na tragédia da matança de milhões de judeus (e de outras minorias). Muito menos lhe foi possível conscientizar-se de que dentre outras, também houvera uma sistemática manipulação da linguagem, da qual tinha aceitado ser vítima. A premência dos problemas a serem solucionados não comportava questões como a percepção de que uma das armas mais poderosas do nazismo tivesse sido a manipulação das mentes das pessoas por meio da linguagem. Nesse momento, o da “Alemanha ano zero”, a população estava empenhada em saber quem continuava vivo, como se alimentar, morar, receber educação. Mas, principalmente, em saber se conseguiriam novamente seus postos de trabalho, dos quais se tentou inicialmente expurgar os antigos *Parteigenossen* ou *Pgs*<sup>38</sup>.

Quatro anos após o fim do regime nazista, em 1949, surgiram dois estados alemães. Quarenta anos mais tarde, a “queda” do muro de Berlim, em novembro de 1989, não somente levou à reunificação da Alemanha, mas também propiciou um novo movimento visando a empreender um questionamento mais amplo do que foi o nazismo, o que de certa forma esclarece o reconhecimento tardio da obra de Victor Klemperer. Agora, em 2002, cinquenta e sete anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial, existem germanistas e outros estudiosos empenhados em tentar “digerir” a questão de como grande parte do povo

---

<sup>36</sup> Campos de concentração ou de extermínio.

<sup>37</sup> *Geheime Staatspolizei* (Polícia Secreta do Estado).

<sup>38</sup> Membros do Partido.

alemão foi capaz de agir como agiu durante o regime nazista. É um dado da realidade que já se esteja na terceira geração pós-nazismo e que essa questão, que ainda não está resolvida nem para os judeus e nem para os alemães de um modo geral, comece a ser assumida de maneira mais profunda. É chegada a hora de perder-se o constrangimento em buscar alguma resposta para o que foi esse registro, talvez o mais pungente do Século XX, pautado em perversidade, narcisismo e loucura e deixar de ver este crime como um fenômeno exclusivamente alemão e passar a considerá-lo como um crime da humanidade, que, em grande parte, não sentiu no momento em que foi perpetrado o compromisso de combatê-lo ou só o percebeu quando a tragédia já se consumara. Aliás, é sempre bom lembrar que, além de se empenhar em exterminar os judeus, levando o conceito de genocídio a extremos nunca dantes conhecidos, nem imaginados, o regime nazista também transformou em suas vítimas os opositores políticos, os homossexuais, os ciganos e as Testemunhas de Jeová. O nazismo fez-se valer da idéia absolutista de não aceitação das minorias diferentes daquilo que ele considerava como sendo a normalidade convencional, mas que não passava de uma realidade fabricada<sup>39</sup>. Quanto mais o nacional-socialismo é estudado, tanto mais questões são descobertas para serem decifradas, como tem sido a não aceitação das minorias, dos diferentes, como se lê no livro de Paul Ricoeur “Outramente<sup>40</sup>”.

Convém destacar que as gerações mais jovens vieram a tomar conhecimento do nazismo inicialmente por meio da série do filme americano Holocausto, que passou em 1977. Alguns anos antes passou também o filme “O Cabaré”, com Lisa Minelli. “O Ouro de Abraão” é um verdadeiro filme-denúncia, com Maria Schygulla, sem qualquer repercussão comercial. Em 1967 as memórias de Alfred Speer já tinham sido publicadas. Alfred Grosser organizou em 1978 o livro “*Wie war es möglich?*” que reúne nove estudos publicados pelo *Carl Hanser Verlag* em Munique. Muitos outros autores começam a escrever a respeito. Mas, já na década dos noventa, em 1992 passa nos cinemas ‘A lista de Schindler’ de Spielberg; em 1995 a série para TV sobre os “Diários” de Victor Klemperer, em 1996 dá-se o lançamento da terceira edição da ‘LTI’ (as demais edições são de 1947 e 1975). É lançado sob muita celeuma o livro ‘Os carrascos voluntários de Hitler’ de Daniel Goldhagen, além do filme alemão “Cidade sem Passado”.

---

<sup>39</sup> BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade*, p.64. Ed. Cultrix, São Paulo, 1995.

Em contato com o livro “*Im Herzen der Finsternis – Victor Klemperer als Chronist der NS-Zeit*”<sup>41</sup> organizado por Hannes Heer, Professor da Universidade de Hamburgo, que reuniu outros dez autores alemães que falam de Klemperer pude perceber que houve uma grande coincidência entre o trabalho destes autores e esta dissertação. Eles também ilustram seus textos com paráfrases, cujo sentido explicam ao longo de seus ensaios. O que vem corroborar a metodologia aqui adotada de comentar e resumir paráfrases. Esses autores esclarecem que Klemperer tinha o hábito de escrever muito, o que bem ilustra a qualidade de seus textos. Outra referência notável foi o contato pela internet com Stefan Laetzer de Berlim, autor de um glossário dos termos da 'LTI', que também coincidem com o levantamento que fiz, aqui apresentado no Capítulo 3.

Voltando à figura do autor da 'LTI' é o caso de se assinalar que dada sua situação de catedrático, habituado a elaborar textos com a isenção do cientista, Klemperer viu-se impedido de manter, esse distanciamento comum aos sábios, quando da elaboração desta obra, pois, como judeu, foi parte integrante da questão que ele analisa, e portanto, incapaz de manter objetividade plena.

Uma vez instaurado o regime, impedido não apenas de lecionar, mas também de prosseguir seus trabalhos de pesquisa literária, pois os judeus tinham perdido, entre outros muitos, o direito de freqüentar bibliotecas<sup>42</sup>, como logo mais perderam até mesmo o direito de pisar na calçada e de se expor na rua, Klemperer descobre que a tábua de salvação para seu desespero de desocupado, ou, para usar suas próprias palavras, sua *Balancierstange*<sup>43</sup> seria continuar mantendo o hábito de escrever seus diários, que começa a redigir aos dezessete anos (1898) e que mantém até o fim de sua vida, em 1960. Concentra-se agora em enfatizar justamente a alteração que o nazismo imprimia à língua alemã, fazendo uso de sua práxis lingüística de tornar o judeu o estereótipo do bode expiatório. Anota o cotidiano em Dresden do ponto de vista de uma vítima do regime opressor, necessariamente sem visão de

---

<sup>40</sup> Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

<sup>41</sup> HEER, Hannes (org.). *Im Herzen der Finsternis. Victor Klemperer als Chronist der N.S.-Zeit* (No coração das trevas. Victor Klemperer como cronista do período nacional-socialista) 2. Auflage. Aufbau Taschenbuchverlag, Berlim, 1997. As próximas referências constarão como *Im Herzen der Finsternis*.

<sup>42</sup> A partir de outubro de 1938.

<sup>43</sup> Vara de equilibrista. 'LTI', p. 17.

conjunto, pois se inteirava das notícias de forma aleatória<sup>44</sup>, em nítida reação contra o massacre físico, mas especialmente moral imposto pelo nazismo, empenhado em reduzir os judeus a *Untermenschen*<sup>45</sup>, que a qualquer momento poderiam ser enviados para algum dos campos de concentração e extermínio. Em 1939 dá início ao seu antigo projeto de relatar sua vida por meio do livro “*Curriculum Vitae*”, que começa em 1881, ano de seu nascimento, e vai até 1918.

Como filólogo, faz o melhor uso de sua acuidade auditiva e de leitura. Dessa forma, dá-se conta da necessidade de escrever um livro à parte, com a finalidade educativa<sup>46</sup> de transmitir às gerações seguintes os efeitos das mudanças perpetradas na língua alemã pelo regime nazista. As alterações que Klemperer percebe na linguagem (neologismos e desvirtuamento do sentido de termos tradicionais) provocam mudanças no comportamento da sociedade como um todo. O autor comenta também como essas alterações serviram para adulterar sorrateiramente padrões morais, tal como assumir que o “normal” era reconhecer a existência de um bode expiatório, no caso, o povo judeu. Outras características que Klemperer observa e comenta são, por exemplo, a ênfase dada ao preparo físico e à força dos jovens, o papel dos esportes de ataque e defesa<sup>47</sup> e o desmerecimento dado aos estudos acadêmicos. Anotar essas alterações induzem-no a alguns questionamentos. Por um lado, sua alemanidade<sup>48</sup>, que considerava acima de sua condição judaica<sup>49</sup>, a qual lhe foi reimposta pelo nazismo de maneira compulsória, apesar de ele ter se convertido ao protestantismo<sup>50</sup>. Por outro, sua percepção do desvirtuamento da linguagem através de profundas manipulações dirige seu pensamento para outra questão: como a população, inclusive os judeus, suas principais vítimas, se deixou conduzir por esta linguagem? Sua resposta está resumida na frase de abertura desta dissertação.

---

<sup>44</sup> Era vedado aos judeus possuir rádio, telefone, jornal, etc

<sup>45</sup> Subhumanos. 'LTI', capítulo 21.

<sup>46</sup> 'LTI', Capítulo I, p. 23.

<sup>47</sup> O Tratado de Versalhes proibira a criação de um exército, de forma que os nazistas apelam para o preparo militar, por meio de pseudopráticas esportivas, cf. 'LTI', p. 9 e "Diários", p. 410.

<sup>48</sup> Neologismo criado na tradução brasileira dos "Diários" para diferenciar *Deutschtum* (alemanidade) de *Germanentum* (germanismo). Os dicionários Aurélio e Michaelis registram “germanidade” com o significado de “irmandade”.

<sup>49</sup> “Curriculum I”, p. 281.



### 1.3. O autor

Victor Klemperer certamente não faz parte do repertório convencional dos autores de língua alemã do século XX. Portanto, faz-se mister apresentar alguns de seus dados biográficos. Victor Klemperer nasceu numa família judia, em 9 de outubro de 1881, em Landsberg, junto ao rio Warthe, cidade que naquele tempo ficava na Prússia e que hoje faz parte da Polônia e se chama Gorzów Wielkopolski<sup>51</sup>. Faleceu em Dresden em 11 de fevereiro de 1960. Foi o nono filho de um casal de primos, o rabino Dr. Wilhelm Klemperer (1839–1912), e Henriette, *née* Franke<sup>52</sup>, falecida em 1919, ambos emigrados do gueto de Praga, tendo Breslau como primeira morada na Alemanha, onde Wilhelm Klemperer frequentou o Seminário Rabínico, além de se dedicar intensamente ao estudo de filosofia e letras antigas na Universidade de Breslau. Wilhelm Klemperer, o pai de nosso autor, viveu numa fase do século XIX que se caracterizou por ser uma linha de corte na emancipação judaica<sup>53</sup>, ligada ao pensamento do poeta judeu alemão Heinrich Heine (1797-1856). Wilhelm Klemperer exerceu o rabinato em Landsberg até 1884<sup>54</sup> e em Bromberg até 1890<sup>55</sup>, quando assumiu o cargo de segundo pregador da Congregação Judaica Reformista de Berlim, para onde a família se mudou<sup>56</sup>. Nessa época, os dois irmãos mais velhos de

---

<sup>50</sup> Cabe destacar que em 18/8/45 ele e sua mulher vão ao cartório de Dölzchen dar baixa em sua pertença à Igreja Luterana da Saxônia, in “...und so ist alles schwankend”, p.96.

<sup>51</sup> JACOBS, Peter: “Victor Klemperer. Im Kern ein deutsches Gewächs. Eine Biographie”, Aufbau Taschenbuchverlag, Berlim, 2000. P. 373.

<sup>52</sup> “Diários”, pp. 837 e 850.

<sup>53</sup> JACOBS, Peter, op. cit., p.11.

<sup>54</sup> O primeiro filho do casal, nascido em 1863, morreu em Landsberg em 1868.

<sup>55</sup> Em Bromberg foi rabino da comunidade polonesa ortodoxa, o que sinaliza a ortodoxia da família Klemperer. Aliás, a família Klemperer não gostava de que sua ortodoxia fosse vigiada pela comunidade polonesa em Bromberg. Na verdade, assim que o pai envia o telegrama de Berlim informando sobre o novo emprego, Henriette vai com Victor ao açougue comum e compra frios, como todo mundo e pela primeira vez comem carne não *casher*. Curriculum, p. 40.

<sup>56</sup> O Movimento Judaico Reformista teve início na Alemanha em 1801 com a criação de escolas seculares, sob influência da emancipação na Europa e permaneceu neste formato até a ascensão de Hitler ao poder, em 1933. Deve-se a Moses Mendelssohn (1729-1786), filósofo judeu alemão, a popularização do conceito filosófico da emancipação na Alemanha. Foi responsável também pelo desenvolvimento cultural do judaísmo naquela época. Mendelssohn mantinha correspondência com Kant, e defendeu o pensamento ateu de Lessing. O Movimento Judaico Reformista caracterizava-se por introduzir as orações e prédicas no vernáculo, e a música de órgão durante as cerimônias religiosas. Não era necessário cobrir a cabeça durante os ritos (Hamburgo, 1817). Nos anos seguintes, os rabinos Aaron Chorin, Abraham Geiger, Samuel Holdheim e Leopold Löw criaram o que denominaram de pensamento desenvolvimentista no judaísmo. A sinagoga reformista instituída em Berlim em 1845 por Samuel Holdheim e Joseph Lehmann diferenciava-se das congregações liberais pela introdução do serviço religioso dominical e pela exclusão quase total do hebraico. Revisão constante do judaísmo e alemanismo, reforçada pelo antijudaísmo sempre presente, fortificaram o

Victor, Georg e Felix, terminavam seu curso de medicina em Berlim, sendo que Georg já era médico residente no hospital *Charité*. Ambos significavam para Klemperer uma unidade que ele denominava “*die Grossen*” (os grandes), e tiveram forte influência em sua formação. Dentre as poucas recordações que Klemperer guarda de Landsberg é a de que num livro sobre Voltaire, na lista de leitores, a designação de seu pai já constava como pregador, ao invés de rabino, ao lado do pastor protestante. Sua condição de rabino era pública, e ele fazia questão de demonstrar que era um homem que estava de bem com o alemanismo. Considerava-se participante da burguesia politicamente avançada. Escrevia pequenas matérias de cunho liberal e nacional em um jornal de Landsberg. Klemperer comenta em seu “Curriculum Vitae” que os anos em Landsberg devem ter sido os melhores da vida de seu pai, pois lá não sofreu as tensões provocadas pelo dualismo entre rabinato e alemanismo<sup>57</sup>. Klemperer relata que sua mãe, apesar de ter perdido o pai cedo, teve boa formação escolar, graças ao empenho da avó viúva. Esse conhecimento lhe permitiu acompanhar os estudos das filhas Grete<sup>58</sup>, Hedwig<sup>59</sup>, Marta e Wally. O Dr. Wilhelm Klemperer jamais fazia uma prédica sem antes ouvir a opinião de Henriette. Mesmo assim, tinha uma visão machista sobre as mulheres, não se incomodando com o excessivo volume de trabalho com que a mãe arcava, quer fosse com a administração da casa, quer devido à condição de rabino do marido. Aliás, Wilhelm Klemperer também não se interessava pelos estudos das filhas. Desde cedo, Victor Klemperer, filho temporão de uma família que já tinha sete outros filhos, sentiu-se oprimido pelos mais velhos, os jovens médicos Georg e Felix, além de Berthold, outro irmão, que se tornou advogado após concluir seus estudos em Estrasburgo. Desde cedo Georg se tornou um cirurgião de renome. Lançou um livro didático que ficou conhecido como “*Der grüne Klemperer*”, usado por algumas gerações de estudantes de medicina. Georg e Felix não somente se converteram ao protestantismo<sup>60</sup>, mas também casaram com moças não judias. Berthold casaria mais tarde com uma moça

---

sentimento de patriotismo e a negação do sentimento sionista, a eliminação de todos os pontos de invocação de retorno a Sião, até 1933. Cf.: *Lexikon des Judentums*, C. Bertelsmann Verlag, NY, 1967.

<sup>57</sup> Em Landsberg o pai fora rabino de uma comunidade não ortodoxa, “Curriculum “I”, p. 17.

<sup>58</sup> Seu nome era *Racha*, mas a pedidos de Georg, todos passaram a chamá-la de Grete. Era considerada uma pessoa difícil e sentia-se injustiçada por não ter recebido condição para estudar como os irmãos. Era a terceira filha.

<sup>59</sup> Faleceu em 1891, durante o parto do primeiro filho. Este filho e sua irmã, do segundo casamento do pai viúvo sobreviveram aos campos de concentração e extermínio e como jovens adultos impressionam seus tios Victor e Eva Klemperer por seu caráter firme e disposição de combater os males a que foram submetidos.

judia, de muitas posses. Klemperer desenvolveria amizade mais intensa com Wally, a mais nova de suas irmãs, nascida imediatamente antes dele. Quando mais velhos, ele e Berthold também se tornaram mais amigos. Wally casou-se com um assistente de Georg, o Dr. Martin Sussmann. Victor Klemperer lembra com ternura de Hedwig, falecida prematuramente. Sua amizade com Grete inicia-se a partir da adolescência. Ela se casa com um professor viúvo, mais velho, e vai viver na Silésia do Norte. Da irmã Marta relata seu casamento com o Dr. Julius Jelski, contratado como rabino da Congregação Judaica Reformista de Berlim, onde o Dr. Wilhelm Klemperer já era rabino, após a morte do rabino Dr. Oppenheim. No início do casamento estiveram prestes a se separar e Berthold chegou a preparar algumas vezes a documentação para o divórcio, que acabou não ocorrendo. Por influência de Georg, Victor Klemperer frequenta o Ginásio Francês de Berlim, convivendo com jovens da alta burguesia. Foi colega de classe e frequentou a casa de Julius Bab, mais tarde poeta, de quem transcreve uma poesia no capítulo XXIX - Zion da 'LTI'<sup>61</sup>, que estava anotada nos "Diários" e que usa como argumento para explicar o seu alemanismo para o amigo Seliksohn, quando ambos eram moradores do *Judenhaus*<sup>62</sup> em Dresden:

*Und liebst du Deutschland? – Frage ohne Sinn!  
Kann ich mein Haar, mein Blut, mich selber lieben?  
Ist Liebe nicht noch Wagnis und Gewinn?!  
Viel wahllos tiefer bin ich mir verschrieben  
und diesem Land, das ich, ich selber bin*<sup>63</sup>.

Klemperer relata no "Curriculum" como ficou satisfeito quando no Ginásio Francês passa para a *Obertertia*<sup>64</sup>, por volta dos quatorze anos de idade; sente-se protegido pelo distanciamento obrigatório causado pelo uso do pronome da terceira pessoa, *Sie*, contra o tratamento rude que os professores davam aos alunos menores. Antecipa sua saída deste ginásio devido a um mal-entendido entre ele e seu colega de classe Victor Landau, e vai

---

<sup>60</sup> O que trouxe algumas dificuldades para o emprego do pai, como rabino da comunidade ortodoxa de Bromberg.

<sup>61</sup> 'LTI', p. 256.

<sup>62</sup> Casa dos judeus. Em cidades onde a população judia remanescente não era numerosa, sobretudo dentro do antigo território alemão, os nazistas não criaram guetos, mas isolaram-na em *Judenhäuser*.

<sup>63</sup> 'LTI', p. 256. E tu, amas a Alemanha? – Pergunta sem sentido! / Posso amar meu cabelo, meu sangue, a mim mesmo? / Amor não é ousadia e ganho? / Muito mais profundamente e sem opção sou-me devotado / e a este país, que é eu, que eu mesmo sou.

<sup>64</sup> Denominação dada antigamente à quinta série do ginásio.

para uma escola bem mais fácil, onde supõe que, após a conclusão do curso, gostaria de ser comerciante. Consegue convencer a família de que quer ser *Lehrling* (aprendiz). Faz um estágio comercial na firma Löwenstein & Hecht, exportadora de miudezas e bijuterias, ainda em Berlim, que se inicia em 1897 e ao cabo do qual, em fins de 1899, recebe um certificado de conclusão. No início do emprego sente grande satisfação pela liberdade adquirida, administra seu ganho mensal de quinze marcos (ao final do estágio passaram a ser trinta), passa a frequentar teatros e toma contato com seus próprios gostos. É desse tempo sua amizade com Hans Meyerhof, outro aprendiz, que passou a ser o único amigo verdadeiro que teve para toda a vida. Por meio dessa amizade, Klemperer amplia seus contatos e conhece Martin Birnbaum, rapaz da área jornalística, chegando a publicar um pequeno estudo a respeito da tradução de Paul Heyse da lírica italiana no jornal “*Boten vom Gardasee*”<sup>65</sup>, administrado por Birnbaum. Hans Meyerhof tenta ser agente literário de Klemperer e procura publicar algumas matérias suas sob o pseudônimo *Fritz Victor*, sem sucesso. Leonie Meyerhof Hildeck, tia de Hans, escritora conhecida na época, que estava de visita de Frankfurt, corrige alguns textos seus, orientando-o em suas deficiências literárias. Isto ocorre por volta de julho de 1898. Em uma conversa à mesa de almoço, o Dr. Klemperer pai cita para Berthold uma frase do Talmud em hebraico, que Victor traduz com primor:

*Glaubst du, der Wurf aus deiner Hand / Kann Sternenhöh erreichen? / Dir in die Augen  
stiebt der Sand, / Ihr Glanz wird nicht verbleichen*<sup>66</sup>.

O pai se entusiasma pelo pendor literário do “pequeno”, o que encoraja Victor Klemperer a externar seu desejo de deixar o estágio comercial e voltar aos estudos humanísticos. Mas as decisões familiares ficavam por conta de Georg, já casado e abastado. Semanalmente Victor era convidado para almoçar na casa do jovem casal, o que se traduzia num verdadeiro suplício, pois há muito sentia o peso da pressão familiar, que via nele uma pessoa sem futuro. Georg, que se deixava servir à mesa por seu antigo ajudante de laboratório, que para essa ocasião usava luvas brancas, queria tornar Victor um rapaz fino e imiscuía-se em sua educação. Quando Victor finalmente se atreve a anunciar seu desejo de

<sup>65</sup> “*Übertragungen italienischer Lyrik*“, "Curriculum", p 169.

<sup>66</sup> "Curriculum", p. 183. “Crês que com um simples lance de mão alcances as alturas das estrelas? Em teus olhos cairá a areia. Seu brilho não se dissipará”.

deixar o estágio e retornar aos estudos, Georg rejeita o pedido de apoio mostrando-lhe seu desapontamento:

*“Du hast bisher noch keine geistigen Qualitäten bewiesen, auf die man bauen kann<sup>67</sup>”*.

Victor, inicialmente deprimido pela antipatia que Georg lhe demonstra, começa a estudar sozinho, de manhã cedo, antes de sair para o trabalho, escondido na biblioteca do pai. O excesso de atividades deixa-o gravemente enfermo. Toda essa situação coincide com a morte súbita do primeiro filho de Georg, aos quatro anos, a mesma idade em que morrera o primeiro filho do casal Dr. Wilhelm e Henriette. Essa perda marcante abala a família como um todo e traz mudanças no caráter de Georg. Dá-se conta de seu comportamento arrogante com Victor. Procura redimir-se e providencia a continuação dos estudos do irmão na cidade natal de Landsberg junto ao rio Warthe, no Ginásio Real para ele obter o *Abitur*, o diploma necessário na Alemanha para ingressar na Universidade. Victor reduz o estágio em meio ano, toma muitas aulas particulares, custeadas por Georg, e em abril de 1900 começa o colegial. No início sente muitas saudades de casa e ao final do semestre sua qualificação é péssima. É alvo de críticas na escola por expressar junto a alguns colegas idéias referentes à social-democracia, tais como eram veiculadas em sua casa. Suas notas ruins tornam o ambiente doméstico desconfortável e Klemperer prefere retornar logo a Landsberg, antes de finalizar as férias, e recomeçar os estudos por si mesmo. Ao final do primeiro ano é o primeiro da classe. É um fato inédito, o pior aluno tornar-se o primeiro, o que melhora um pouco seu sentimento de auto-estima. No Ginásio Real a norma era que o primeiro aluno presidisse o grêmio estudantil. Algumas das atividades do grêmio, tais como beber nos dias das reuniões, jogar boliche, etc. eram contrárias ao seu espírito liberal. Data desses encontros sua primeira experiência anti-semita. Um dos beberrões da turma propõe que a *Burschenschaft*, nome genérico das agremiações estudantis, deveria enviar um telegrama ao *Kaiser* pelo seu aniversário em 27 de janeiro de 1902. Como presidente, Klemperer se opõe terminantemente, pois não seria um gesto apropriado da parte de alunos de nível colegial. O colega, que tinha um grupo de alunos articulados a seu favor, retruca que Klemperer, que nem alemão por inteiro era, já que era judeu, não tinha direito a opinar.

Mas Klemperer também tinha seu grupo de apoio, sendo até cumprimentado pelo diretor da escola por sua firmeza diante da situação. Klemperer conclui seu *Abitur* em 1902 como ótimo aluno e logo a seguir inicia os estudos superiores em Munique, na Baviera<sup>68</sup>. Também é dessa época o convívio com quem Klemperer considerou ter sido seu melhor professor, o Prof. Dr. Franz Charitius, que lecionava alemão e grego no Ginásio Real. Menciona também o escritor e literato Prof. Dr. Karl Vossler<sup>69</sup>, que foi seu orientador na obtenção de sua livre docência em 1914 em Munique, e Bernard Bouvier, professor em Genebra em 1902. Entre 1902 e 1905 faz seus estudos superiores em filosofia, filologia germânica e românica nas cidades de Munique, Genebra, Paris e Berlim<sup>70</sup>. Logo no início dos estudos superiores, Klemperer se dá conta de que a almejada liberdade da vida universitária não existe na realidade. É necessário estudar muito e seguir as orientações dos docentes. Em seu primeiro semestre em Munique é procurado por um representante dos estudantes judeus para ingressar na agremiação judaica “*Licaria*”<sup>71</sup>. Segundo ele, os anti-semitas diziam que os judeus eram criticados por sua inaptidão esportiva, incapacidade no manejo de armas e covardia. Klemperer contesta que quer ser respeitado como alemão e como ser humano e que não sente necessidade de fazer parte do grupo judeu. Ao que o representante retruca que, apesar dessa fala ser bonita, para ser alemão é necessário que os outros pensem assim, pois para os outros ele era judeu. Se Klemperer tivesse origens cristãs, não haveria problemas em não gostar de duelar. Mas como judeu, faz-se mister que concorde com o hábito dos estudantes alemães de sentir esse prazer. Essa fala deixa Klemperer desconcertado. Procura seu amigo do Ginásio Real, então também estudante em Munique (mais tarde foi seu padrinho de casamento) que lhe conta, por sua vez, que também fora procurado pelo “*Verein deutscher Studenten*” (Agremiação dos Estudantes Alemães). Outro colega considerava tanto o “*V. d. St.*”, quanto o “*Licaria*”, assim como o próprio anti-semitismo, anacrônicos e sem importância. Pensamentos medievais como o anti-

---

<sup>67</sup> “Você ainda não demonstrou qualidades intelectuais que sirvam de base para alguma coisa”. Klemperer sente-se tão desanimado, que não vê saída para voltar a estudar.

<sup>68</sup> Sente a diferença entre a Alemanha prussiana e a Alemanha bávara, como por exemplo, o catolicismo, praticamente ausente em Berlim. Sente essa diferença com maior intensidade do que o anti-semitismo em si.

<sup>69</sup> Filólogo e crítico literário alemão (1872-1949). Principais obras: *Dante; Geist und Kultur in der Sprache; Frankreichs Kultur und Sprache; Lope de Vega, Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem; Introdução à Literatura Espanhola do Século de Ouro*. (Pequena Enciclopédia Melhoramentos. São Paulo, 1978).

<sup>70</sup> “Curriculum I”.

<sup>71</sup> “Curriculum I”, p. 281.

semitismo não seriam representativos dos sessenta milhões de alemães. Desta forma, sem dizer nada a ninguém e muito a contragosto, Klemperer toma aulas de esgrima. De volta para casa nas férias, ansioso por encontrar a família, Klemperer logo é questionado sobre como pretendia prosseguir os estudos. Considerava viável obter uma bolsa para Paris. A opinião dos mais velhos entretanto era de que não estava apto para enfrentar as “perdições morais” da cidade-luz; recomendam-lhe prosseguir o curso em Genebra, com reconhecimento nas universidades da Prússia. De forma que no segundo semestre de 1902 Klemperer parte para Genebra. Uma de suas primeiras amigas é uma colega também berlinense, que para seu espanto era radicalmente anti-semita. Como forma de contestar a posição dessa colega, pergunta-lhe se conhecia algum judeu, ao que ela responde que jamais tinha tido qualquer contato com judeus. Somente no dia seguinte Klemperer lhe diz que é judeu. Ela se desculpa, pede que continuem amigos, mas Klemperer sente medo e mal-estar. E lhe responde que não viera a Genebra para discutir a questão judaica. Logo Klemperer se interessa pelo novo professor, Bernard Bouvier. Pela primeira vez se depara com estudantes mulheres, cujo número era maior do que o de homens. Quando mais tarde, em 1904, em Berlim, os professores cumprimentavam a classe com o cordial “*Meine Herren und Damen!*” havia ainda opositores da emancipação que reclamavam. Para o Prof. Bouvier, a literatura francesa não se restringia a Voltaire; ele valorizava também Chateaubriand, Victor Hugo e Zola, que ainda vivia e sobre quem Bouvier escrevera um livro. Klemperer comenta no “Curriculum” que mesmo depois de decorridos quarenta anos continuava achando a obra de Voltaire uma das mais importantes da literatura mundial. Cabe aqui um parêntese para ressaltar a influência do pensamento de Voltaire na vida de Klemperer, especialmente quanto à sua futura resistência ao regime nazista e quanto à sua vontade de sempre denunciar idéias de cunho obscurantista e religioso. Tal como Voltaire, Victor Klemperer preconizou a tolerância, o livre-pensamento e o humanitarismo. Antes de deixar a Suíça, tomado de forte emoção, visita a estátua de Voltaire em Ferney, onde este viveu a partir de 1758.

Em uma discussão acalorada sobre personagens de Victor Hugo, o professor convida-o a preparar um seminário, oferecendo-lhe pela primeira vez estar atrás de uma cátedra. Era janeiro de 1903. Teve aulas também com outro professor de destaque, o Dr. Wertheimer,

que coincidentemente era o grão rabino de Genebra, com quem seu pai já trocara correspondência. O Dr. Wertheimer, acostumado a receber estudantes de fora, além de convidar Klemperer para sua casa, oferece pagar-lhe o custo de seu curso. Klemperer lamenta, ao escrever o "Curriculum", que, ao invés de esclarecer ao rabino de que não necessitava de ajuda financeira, retirou-se ofendido, perdendo para sempre a oportunidade de freqüentar um ambiente familiar em Genebra, algo de que se ressentiu todas as vezes que voltou a essa cidade. Aprendeu muito também sobre a quarta edição das cartas de Napoleão Bonaparte, que Napoleão III autorizara publicar. Mas quando redige o "Curriculum" envergonha-se de que aos quarenta e quatro anos, quando escreveu e publicou livros sobre Napoleão, em 1923, tenha sido capaz de tecer elogios a um ditador. Em 2 e 12 de dezembro de 1902 foi comemorada em Genebra a festa nacional da *Eskalade* (escalação). Klemperer participou das festividades e esse foi seu primeiro contato com o calvinismo. Toma conhecimento de que Genebra se destacara no Século XVII como a cidade onde prevaleceram as idéias de Calvino, que lutou contra o Duque de Sabóia, em defesa da independência do pensamento protestante, em região predominantemente católica. Ainda em Genebra, participou de uma reunião anarquista. Um homem com pronúncia italiana dizia: "*Le gouvernement, ce sont des assassins – l'anarchie, c'est la justice ...*"<sup>72</sup>. Ouve ainda outros discursos que o deixam desconcertado. Por exemplo, que o assassinato da Imperatriz Elisabeth fora um ato heróico de advertência, a serviço da legítima defesa dos direitos dos cidadãos. Essas vivências trazem-lhe o sentimento patriótico de orgulho de ser alemão e do seu amor pela Alemanha e comentando sua própria ingenuidade lembra que anotara "*bei uns zu Hause wäre so was unmöglich gewesen!*", ou seja, na Alemanha seria impossível ouvir discursos como aqueles. O Prof. Benedetto Croce anota em seu caderno: "alemão no sentido mais temerário da palavra" e citando Julius Schlosser transcreve: "incapaz de compreender a psicologia e constituição de outros povos"<sup>73</sup>.

Desde cedo Klemperer se dera conta que o anti-semitismo não era muito acirrado na Alemanha; via o protestantismo como sinônimo da alemanidade:

---

<sup>72</sup> O governo, esses são os assassinos. A anarquia é a justiça.

<sup>73</sup> "Curriculum I", p. 315.



*Immer blieben mir deutsch und protestantisch gleiche Begriffe, ... Der Protestantismus sei so sehr die eigentliche deutsche Denkform, dass selbst die deutschen Katholiken halbe Protestanten und Ketzer seien*<sup>74</sup>.

Klemperer supunha que para um filho de um judeu convertido ao protestantismo era menos problemático encontrar emprego, pois demonstrava que o pai assumira plenamente sua condição de ‘não diferente’. Percebe que para Georg e Felix também era importante ratificar o sentimento de pertença ao povo alemão. Desta forma, converte-se em 1903 na residência do pastor Nessler, acompanhado de Berthold, que também era agnóstico, mas não tinha intenção de converter-se e procura inutilmente demover o irmão de seu intento. Após a conversão, Klemperer respira aliviado, pois agora possui uma religião “correta”, deixando de ser motivo de chacota por parte dos outros. Klemperer prossegue os estudos em Paris, de onde relata que a parte principal foi dedicada em idas ao teatro, além de ter obtido bons resultados em seu diploma de francês na Aliança Francesa. Conta também que em um dos poucos jantares que freqüentou encontrou o filho do escritor alemão Gerhart Hauptmann, mas devido à sua timidez, não conseguiu se relacionar com ninguém em todos os jantares a que foi convidado pelos conhecidos de seu pai. Ressaltou que o melhor da festa do 14 de julho de 1903 foi quando o brasileiro Santos Dumont desceu com seu dirigível em Longchamps, onde se encontrava a tropa. Para os parisienses, a tropa era um assunto menor, enquanto para ele era algo importante. Em seu retorno a Berlim procura alistar-se no exército real, de onde supunha que viria a solução para os problemas da Alemanha. Apesar de pesar apenas sessenta quilos e ter só um metro e sessenta e seis centímetros de altura é admitido no 36º Regimento de Artilharia, podendo, contudo, manter seus estudos universitários em Berlim, mesmo sem estar matriculado regularmente. Foi aluno de Bérngson, de Tobler, que segundo Klemperer seria talvez o maior romanista daquela época, a quem dedica uma poesia:

*“O Adolf Tobler, Fürst der Philologen! / Nur wer in deinem Seminar gesessen, / Wenn du den Dante Wort um Wort gewogen, / Ihm mit der Elle Vers um Vers gemessen, / Ihm*

---

<sup>74</sup> “Para mim, ser protestante e ser alemão sempre permaneceram conceitos iguais. ... protestantismo representava de tal forma a maneira alemã de pensar que até mesmo os católicos alemães eram meio protestantes e hereges”. "Curriculum I", p. 287.

vampirgleich die Seele ausgesogen, / Ihm mottengleich das bunte Kleid zerfressen, / Der ahnt allein die Qualen jener Zeiten, / Als ich gebannt in tote Trockenheiten...<sup>75</sup>”.

Desejoso de obter o título de doutor e absolutamente despreparado no trato com o corpo docente, Klemperer pede a Tobler orientação na busca de um tema para sua dissertação. Tobler diz que deverá escrever a respeito do que Voltaire pensava sobre as línguas. Klemperer sente-se perdido, contrariamente do que aconteceu mais tarde com o seu orientador Karl Vossler, de quem ele diz que tinha mais agilidade mental. Após o encontro com Tobler, foge, por assim dizer, para a Itália, tentando fazer algum curso na Universidade de Roma. Está desesperançado e retorna passado um mês. Volta a ter profundos desentendimentos com Georg, agora já com trinta e oito anos de idade. O amigo Hans se encontra em Berlim, e logra tirá-lo do estado de torpor em que se encontrava, no choque entre a Universidade e a veia poética, e consegue que em 1906 seja publicado um livro de Klemperer com seus contos: *Schwesterchen* (Irmãzinha) e *Glück* (Sorte). O editor propôs-lhe até uma segunda edição em 1919, que Klemperer recusa, pois iniciava seu período de docente em Munique e não se sentia capaz de administrar simultaneamente assuntos tão distintos. Seguindo a orientação de Hans, Klemperer participa de um grupo de artistas, do qual faz parte o diretor de um suplemento literário, que passa a ler e publicar suas matérias e poesias. Nesta passagem de sua autobiografia, por meio de interessante solilóquio, Klemperer finalmente apresenta Ev, sua amada para sempre. Casa-se em maio de 1906 com ela, a pianista Eva Schlemmer, não judia, nascida em Königsberg em 12 de julho de 1882. Vivem em Berlim, onde Klemperer passa a escrever para diversos jornais. Cabe ressaltar que em sua certidão de casamento declara-se cidadão de fé mosaica, não sentindo mais necessidade de afirmar-se como protestante.

Georg e Felix foram bem sucedidos em seu empenho em influenciar Victor para retomar seus estudos acadêmicos, em consideração a um antigo desejo do pai, logo após sua morte, em fevereiro de 1912. Desta forma Klemperer retoma os estudos nesse mesmo ano em Munique. Em 1913 obtém seu doutorado com o Prof. Dr. Franz Muncker. Estuda em Paris,

---

<sup>75</sup> Ó Tobler, príncipe dos filólogos / só quem freqüentou teu seminário, / quando sopesaste Dante palavra por palavra, / quando mediste cada um de seus versos com a vara, / quando lhe sorveste a alma como um vampiro, / quando lhe roeste as vestes como uma traça, / esse intuí os tormentos daqueles tempos / quando eu ficava cativado pelas securas...

preparando-se para sua livre-docência sobre Montesquieu, obtida com o Prof. Dr. Karl Vossler, em 1914. De 1914 a 1915 é professor leitor na Universidade de Nápoles (como professor livre-docente da Universidade de Munique).

Consta que Eva sofria de forte depressão nervosa, que se acentuou nessa estada em Nápoles<sup>76</sup>. Segundo Peter Gay, este foi mais um dos motivos que vieram a impedir a emigração do casal na época do nazismo. Outra razão foi a inaptidão que Klemperer confessava para exercer qualquer atividade que não fosse lecionar a história da literatura francesa do Século XVIII em diante, em alemão. Outro motivo ainda seria a forte ligação de Eva à casinha que conseguiram construir em Dölzschen, nos altos de Dresden, já durante o regime nazista, e que foram obrigados a deixar em 1940. Finda a guerra, retornam a ela em 10 de junho de 1945. Klemperer, entretanto, jamais faz menção a esses sofrimentos de Eva. Transmite sua imagem como pessoa equilibrada e fonte de sua energia. Relata que Eva enfrentou com firmeza interior a mudança de moça rica que fora, para pessoa desprovida de recursos, quando ela e a mãe são abandonadas pelo pai e a mãe passa a trabalhar como costureira, sem jamais ter deixado que Eva interrompesse seus estudos como pianista. Klemperer valoriza muito a criatividade artística e a modéstia de Eva. A ligação do casal sempre foi muito forte; eles sempre se apoiaram mutuamente, especialmente durante o inferno nazista.

Apesar de Klemperer ter sido relativamente hipocondríaco, ele sofria realmente de angina do peito. Eva falece antes dele, em 8 de julho de 1951, em Dresden, entre 20:30 e 21:30, de ataque cardíaco. Klemperer descreve seus sentimentos ao deparar-se com ela deitada, desfalecida: „*So sitze ich denn zwischen allen Stühlen*”<sup>77</sup>. Consta na p.190 dos „Diários“ daquele período:

---

<sup>76</sup> De acordo com matéria traduzida do “New York Times” e publicada no caderno mais! na Folha de S. Paulo em 6 de dezembro de 1998 de autoria de Peter Gay

<sup>77</sup> No contexto, esta expressão poderia ser traduzida como “agora estou totalmente desarvorado”. Citado da edição alemã dos “Diários: *Tagebücher 1945-1959*”, *Aufbau Taschenbuchverlag*. Berlim, 1999

„Ich habe rein egoistische Gefühle: Was wird aus mir? Ich bin ganz allein, alles hat für mich seinen Wert verloren, es fehlt mir kindischerweise nur der physische Mut ihr zu folgen, aber dieser Mut fehlt mir gänzlich“<sup>78</sup>“.

E ainda, no mesmo dia:

„E's größter Verlust: ihre Compositionen, ihre Bilder... Ich habe es immer bedrücklich empfunden, dass die äußeren Ehren an mich gingen. Sie war 1000mal begabter als ich: Musikerin, Malerin, Philologin, u. sie war 1000 x tapferer, sittlicher, uneigennütziger, freier, selbständiger, geschickter als ich, u. sie war, im vollen Gegensatz zu mir, niemals neidisch u. niemals ehrgeizig. Meine einzige Gewissensberuhigung: ich habe das nie verkannt u. es ihr 1000 x gesagt“<sup>79</sup>“.

Após a morte de Eva, Victor casa-se com sua aluna Hadwig Kirchner, em 1952 (em 7/10/03 a autora visitou-a em sua casa em Dresden).

Feito este aparte sobre a vida pessoal de Klemperer e retornando ao relato sobre sua trajetória profissional, vale lembrar que na época da Primeira Guerra Mundial Klemperer foi voluntário. Esteve no *front* entre novembro de 1915 e março de 1916. Faz menção na 'LTI' de que foi provido de bons livros de estudo no período que passou em um hospital de campanha na França em 1916. Posteriormente, até o final da guerra, foi censor de livros na Lituânia e em Leipzig. Como já relatado, anos mais tarde ele acreditou na proteção que a medalha ao mérito então conquistada lhe pudesse proporcionar contra os horrores do regime nazista. A decisão de não emigrar o afasta mais uma vez do irmão Georg, frustrado por não conseguir demovê-lo de seu medo de deixar a terra natal; apóia-o, contudo, financeiramente a partir do exterior, enquanto a Alemanha ainda permitia que os judeus recebessem ajuda desse tipo. Georg, juntamente com toda sua família, abandonou a Alemanha no início do nazismo, instalando-se em Boston, aonde veio a falecer em 1947, aos oitenta e dois anos. Consta em seu necrológio, publicado pelo *Aufbau*, jornal editado pelos judeus norte-americanos de origem alemã, que entre 1922/23 o regime soviético

<sup>78</sup> Meus sentimentos são puramente egoístas: o que será de mim? Estou totalmente só, tudo perdeu seu valor, de maneira infantilizada falta-me somente a coragem de segui-la. Mas essa coragem me falta totalmente.

<sup>79</sup> A maior perda são suas composições. Ninguém pode imaginar como ela era criativa. Ela se queixava de que tudo que ela criou foi destruído: suas composições, seus quadros... Sempre senti de forma opressiva que as grandes honras eram dirigidas para mim. Ela era 1000 vezes mais talentosa do que eu: música, pintora, filóloga. E ela era 1000 x mais corajosa, mais decente, menos interesseira, mais livre, mais independente,

chamou-o diversas vezes para ir a Moscou tratar da doença de Lênin. Felix ficou livre da emigração, pois faleceu em 1932. Grete morreu em 1942 em Berlim, em um sanatório para doenças nervosas, após trinta anos de viuvez. Berthold morreu em 1931 e sua viúva Betty permaneceu em Berlim até falecer, em 1962. Hedwig, falecida prematuramente, foi casada com Dr. Hermann Machol, que morreu em um campo de extermínio. Marta emigrou com o marido Dr. Julius Jelski em 1938 para o Uruguai, onde se encontrava a filha Lilly, casada com um uruguaio. Wally morreu em 1937 e seu marido, o Dr. Martin Sussmann, também médico, emigrou em 1938 para Estocolmo, aonde se encontravam os filhos e faleceu lá em 1944. Tanto Georg quanto Victor e seu primo, o maestro Otto Klemperer, do ramo Klemperer de Breslau, passaram a constar da Enciclopédia Brockhaus já em 1925, como fruto da fama que tinham adquirido no exercício de suas profissões. Afora a irmã Grete, doente dos nervos, somente Victor e Eva permaneceram na Alemanha durante o nazismo. Conseguiram sobreviver ao nacional-socialismo quase que milagrosamente, pois ele não foi enviado a nenhum campo de concentração. Em 1940, como já foi dito, têm de deixar a casa construída em Dölzchen, nos arredores de Dresden, para viverem em *Judenhäuser*, ao todo três, até a tragédia de Dresden, em 13 de fevereiro de 1945, quando intenso bombardeio aéreo destruiu a cidade quase que totalmente. O casal Klemperer fugiu então de Dresden. Eva arranca-lhe a estrela amarela com a insígnia *Jude*, com a qual poderia ainda cair nas mãos da Gestapo. A permissão de manter em *Judenhäuser* cônjuges de casamentos mistos ia ser abolida no dia seguinte ao bombardeio de Dresden e Klemperer seria enviado a um campo de concentração<sup>80</sup>. Vistas todas estas circunstâncias, é lícito afirmar que Victor Klemperer, sua mulher e os manuscritos da 'LTI' sobreviveram por milagre.

A condição judaica que o nazismo fez questão de lhe lembrar fê-lo perder sua cátedra na Universidade Técnica de Dresden, que recuperou em 19 de outubro de 1945, juntamente com a outorga do título de Professor Honorário. Até o início da Segunda Guerra Mundial Klemperer tinha redigido uma vasta obra sobre a literatura francesa, desde o Século XVIII até 1920. Impedido de prosseguir esses estudos, em vista da já mencionada proibição aos

---

mais jeitosa e contrariamente a mim, nunca era invejosa, nem ambiciosa. Minha única paz de espírito é que eu sempre reconheci esses valores e sempre disse a ela 1000 vezes.

<sup>80</sup> É sabido que após a libertação de Auschwitz em 27 de janeiro de 1945 pelo exército russo, os alemães tentaram matar o maior número de judeus que tinham testemunhado o massacre nazista. Apud. BERGAU, Martin, *Der Junge von der Bernsteinküste*. Heidelberger Verlagsanstalt, Heidelberg, 1994.

judeus de freqüentarem bibliotecas, e havia muito tempo desejoso de escrever um livro sobre sua família, deu início em 1939 à obra antes citada, "Curriculum Vitae". Retoma com maior presteza o antigo hábito de manter um diário, que vinha desde os dezessete anos. Essas anotações diárias iriam fazê-lo sentir com maior intensidade o compromisso de relatar em um livro todas as suas observações e reflexões sobre a linguagem do Terceiro Reich. Com o passar do tempo tomou consciência de que esse era um tema à parte, e durante os anos de guerra esse livro foi sendo elaborado dentro dos "Diários". Na primeira hora do pós-guerra publica-o com o nome que recebera nos "Diários": 'LTI – Lingua Tertii Imperii – Notizbuch eines Philologen'. Se nos "Diários" ele relata o cotidiano das vítimas do nazismo nas cidades alemãs, especialmente em Dresden, de forma linear, acompanhando o tempo, na 'LTI' trata especificamente do fenômeno da linguagem do regime. Salvo o Capítulo V<sup>81</sup>, em que copia trechos dos "Diários" do primeiro ano do regime, o restante é escrito analisando no imediato pós-guerra suas reflexões sobre suas vivências da guerra. Nesse período escreve um novo livro, que corresponde aos seus "Diários" de 10 de junho até o final de 1945, que conclui dizendo que quer publicar a 'LTI'. Considera os "Diários" muito dispersos e pouco discretos, pois não se referem aos judeus da forma em que gostaria de referir-se a eles

Dos seus depoimentos a respeito de suas experiências nesse imediato pós-guerra consta que Klemperer se sente mais isolado nessa fase de sua vida do que durante a guerra. Está feliz porque a guerra acabara, mas como dizia, às vezes se esquecia de que deveria sentir-se no paraíso.

Não havia como saber quem ainda se encontrava no mundo dos vivos, mas aos poucos as pessoas vão se redescobrimo e os conhecidos vão se localizando por informação de boca. Fica sabendo que quase todos os moradores do primeiro Judenhaus em que tinham vivido haviam morrido nos campos de concentração de Auschwitz e de Theresienstadt. Paul Kreidl, de quem fala no prefácio da 'LTI', morrera enforcado em Auschwitz. Encontra antigos conhecidos com alguma ascendência judaica que tinham presenciado o assassinato de seus entes queridos em Auschwitz.

---

<sup>81</sup> "Aus dem Tagebuch des ersten Jahres", 'LTI', p.41.

A situação política é de caos absoluto, pois nem se sabia qual era o país governante. É o que Klemperer comenta em relação ao “*Staatsakt*” (ato de estado) no Capítulo VI da 'LTI'<sup>82</sup>, termo que deixa de fazer sentido, pela mera falta de um Estado. Não havia qualquer definição econômica. Não havia dinheiro nem comida. A fome era tanta que o dentista, Dr. König, comenta com Klemperer que se houvesse maior provisão de gás, muita gente estaria cometendo suicídio. O que remete Klemperer à frase da Gestapo:

*“Kauf dir doch für 10 Pfennig Gas”<sup>83</sup>!*

Pura 'LTI'! Especialmente porque os russos estavam levando o gado e as fábricas embora, fato que desagradava os novos amigos do casal, que eram os alemães comunistas do KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands*). Aliás, em uma discussão Klemperer tinha concluído que o SPD (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*) original, da época de Marx, e o KPD teriam sido um só partido, mas que agora sua preferência é pelo KPD.

Logo no retorno conhecem Peter Kalau, também membro do KPD, marido de importante parteira e enfermeira, casal que lhes ofereceu seu quarto na primeira noite em Dölzchen. Kalau estava incumbido de distribuir as tarefas de reconstrução, aonde se incluíam os antigos *Parteigenossen*<sup>84</sup>. Cada um tinha uma desculpa por ter sido, mas a somatória de todos chegava aos milhões. Já então pairava a dúvida: como o partido nazista se manteve no poder durante doze anos?<sup>85</sup>

Kalau, que também estivera preso em campo de concentração, era um mecânico qualificado e criador de castores e não estava recebendo apoio para iniciar uma oficina de reparos. Ele descobre chocado que os nazistas já tinham conseguido se reorganizar e criar uma associação para proteger-se entre si. Sua existência é denunciada, de forma que imediatamente criam outra associação com nome disfarçado. Até hoje parece inverossímil que nesse curto espaço de tempo, em que nada ainda estava estabelecido, em que os alemães comunistas se encontravam sob a maior penúria e sem emprego e a fome era

<sup>82</sup> *Die drei ersten Wörter nazistisch*, p.56.

<sup>83</sup> Trate de comprar gás por 10 *pfennig*!

<sup>84</sup> Cf. nota 37.

<sup>85</sup> Vem de encontro aos “Carrascos voluntários de Hitler” de Daniel Goldhagen. Cia. Das Letras, São Paulo, 1997.

intensa, os nazistas já tivessem se reorganizado. A época dos saques já tinha acabado. Klemperer sente que tudo que vem da parte dos alemães fora copiado da mentalidade nazista, o que o deixa estarecido, pois ele supunha que em Dresden haveria mais condições de punição para os nazistas do que nas cidades mais a oeste.

Causa-lhes estranhamento o número de pessoas que querem ajudá-los, pois sentem que em grande parte o fazem por interesse. Klemperer se pergunta se estaria se permitindo ser subornado quando aceita “emprestado” um corte para um terno? É procurado por muita gente para que assine documentação comprobatória de que eles não tinham sido nazistas, ou que tinham sido *Pgs* compulsoriamente. Seguro de que não deseja acobertá-los, fica dividido entre carinho e desconfiança das pessoas que correm atrás deles para agradá-los (a esposa do médico-dentista e outros).

Quando o casal retorna à sua casinha, um *bunker* tinha invadido uma parte dela, “herança da guerra”. A administração da cidade decide que voluntários devem ajudar a tirá-lo e Klemperer teme que, se algo der errado, os alemães vão dizer que Hitler estava certo porque tinha combatido os judeus. O ex-prefeito Darre fora convocado entre os voluntários e Klemperer já o ouvia reclamando da *schändende Fronarbeit* (trabalho escravo infame)<sup>86</sup>.

Seriam necessários alguns meses para começar a haver definições políticas. Pairavam no ar informações de que os americanos viriam. Klemperer tem preferência pelos russos. Apesar de ser informado por aqueles que temiam os comunistas, que assim como os nazistas, eles também teriam incendiado livros que versavam sobre cultura burguesa, etc, as informações são escassas. Conseguem um rádio, que lhes permite alguma informação sobre os fatos. Ficam sabendo em fins de julho que o *Labour-Party*<sup>87</sup> da Inglaterra ganhara as eleições parlamentares, e que vinte e três mulheres tinham sido eleitas pela primeira vez para o Parlamento. Em meados de agosto Klemperer fica sabendo que o Japão capitulara e que tinha sido lançada a bomba atômica. Escreve em seus diários em 20/7/45 que, entremeado de música de cabaré, o programa de rádio de Berlim selecionara trechos do primeiro serviço religioso judaico celebrado de Berlim, com o cântico da bênção de inauguração,

---

<sup>86</sup> ...und so ist alles schwankend, p. 12



enquanto a luz eterna era acesa. Ele reitera seu sentimento de horror: não é *Einweihung* e sim *Ent-weihung*<sup>88</sup> da sinagoga. O rádio reforça a conotação de que houvera uma vitória judaica<sup>89</sup>, e Klemperer percebe que em última instância o famigerado nacional-socialismo está sendo protegido<sup>90</sup>. Apesar de terem alguma notícia do mundo, não há como se comunicar nem se dirigir às regiões mais próximas. Conseguem reaver seu material escondido em Pirna, especialmente os "Diários", quase dois meses após o seu retorno .

O pensamento de Klemperer quanto a seus interesses pessoais, como o nome deste seu livro *...und so ist alles schwankend*<sup>91</sup> o indica, oscila de um extremo ao outro. Seria bom aposentar-se? Verifica com os amigos ligados à Universidade oportunidades sobre cursos e palestras que poderia ministrar e esclarece-os sobre sua 'LTI'. Um dos amigos, antigo Professor Doutor que também passara por prisões, campo de concentração, etc. e também era filólogo, começa a preparar-lhe um programa de palestras sobre a 'LTI'. Por ora esse amigo é livreiro e na livraria em que trabalha havia a obra de Klemperer sobre a literatura francesa. Lá ele reinicia sua consulta de livros. Começa a averiguar o que restou dos livros do Palácio Japonês de Dresden<sup>92</sup>. Haveria duzentas mil obras perdidas.

Não se sabia se a *Technische Hochschule*, a Universidade Técnica de Dresden seria reaberta e por qual entidade seria mantida e administrada. Mais de dois meses depois do retorno a Dölzchen, Klemperer consegue uma entrevista com as autoridades culturais e políticas alemãs de Dresden, que representavam o KPD, e gradativamente as definições profissionais ganham corpo. Klemperer se empenha para que os antigos nazistas não possam retornar à Universidade, como é o caso de sua colega mencionada no Capítulo XVIII da 'LTI', o professor Kühn, que consegue retornar, e outros. Nesses contatos Klemperer tem oportunidade de contar que seu irmão Georg fora chamado de Moscou como médico cirurgião para tratar de Lênin.

---

<sup>87</sup>In *Und so ist alles schwankend*, p.66.

<sup>88</sup> Inauguração e profanação.

<sup>89</sup> Com omissão do saldo de seis milhões de judeus mortos.

<sup>90</sup> FRIEDLÄNDER, Saul. *Memory, History and the Extermination of the Jews of Europe: 1933-45*. Indiana University Press. 1993, p.9. "Somente um tonto poderia pensar em comemorar a libertação do terror nazista. ... nós não nos liberamos, e uma parte considerável da Europa não se liberou absolutamente".

<sup>91</sup> KLEMPERER, Victor. *Und so ist alles schwankend*. Aufbau Taschenbuch Verlag, Berlin, 4. Auflage, 1997.

Klemperer se sente incomodado com o fato da situação atual (pós-segunda guerra) ser semelhante à de Munique em 1919 (pós-primeira guerra). Tem a sensação de que tudo era *déjà vu*. Dresden se encontra sob dominação russa, que é bastante diferente da alemã. Até o horário de verão é diferente, de forma que vão dormir tarde e têm de acordar cedo, devido à diferença entre Dölzschen, Dresden e Leipzig. Os russos se empenham para que haja eleições democráticas, pronunciando-se em seu favor pela imprensa. Estimulam os eleitores para que haja o maior número possível de coalizões, para dar consistência às eleições. Mas a imprensa publica ao mesmo tempo artigos que advertem contra a ditadura soviética.

Cumprimento festivo do prefeito: a casa é restituída ao casal Klemperer, seus antigos proprietários. O morador do período nazista, Berger, que “comprara ou ficara” com a casa e que se tornara muito amigo dos nazistas e veiculara mentiras sobre eles tinha fugido dos russos. Tudo na casa pertencia a ele. O casal recebe benefícios que parecem vir do coração dos benfeitores. Um homem até empresta um terno para a *Begebung*<sup>93</sup> ('LTI' de pós-guerra) de Klemperer. Como Eva tinha dividido com ele riscos e privações, também recebe, como ele, cartões de provisões de carne, etc. por ordem do exército soviético. Ele, por ser sábio e ter passado por trabalhos forçados. Mas em geral tudo que recebem não passa de pão seco. Um diretor de uma cervejaria lhe traz uma máquina de escrever modelo *Continental Reisemaschine*. Klemperer toma cuidado para não ter imagem nem de judeu vingativo, nem de vitorioso.

Os alemães reclamam da mesma forma que os judeus reclamaram para Moisés quando de sua libertação do jugo da escravatura no Egito<sup>94</sup>: “sob Hitler recebíamos ao menos o que constava em nossas moedas, agora temos fome, os judeus estão aí de novo, os russos estão aí, enfim, esse é preço do pacifismo... E, na realidade não estamos fazendo nada para expulsá-los daqui. Os erros do passado se repetem, mas com mais intensidade. Prega-se o pacifismo, enquanto se assiste o desfraldar do poder”. Volta a expressão “*Judenrepublik*” (república dos judeus), enquanto a fome aumenta. Qualquer pessoa percebe que na verdade

---

<sup>92</sup> 'LTI', p.20.

<sup>93</sup> *Eine neue Arbeit begehren* (iniciar um novo trabalho). DUDEN, 1996.

<sup>94</sup> AT. Êxodo, 16, 3.

a grandeza que o rádio anuncia quando fala da bondade dos aliados é verdadeira só em parte, pois isso é reconhecimento de culpa, é algo que a rádio de Berlim expele o tempo todo como se fosse excremento. O povo é muito bobo, desmemoriado e pensa: “antes a fome era menor”. Logo estarão pensando “o propalado horror nazista não passa de propaganda inventada pelos opositores do regime de Hitler”. Esse ambiente de queixas generalizadas é uma das razões para Klemperer ter escrito a 'LTI' como um livro próprio, e não tê-la mantido embutida simplesmente dentro dos "Diários". Este resumo da vida de Victor Klemperer mostra-o como um representante de uma grande parte do judaísmo alemão da primeira metade do século XX. Herdeiros das gerações que se seguiram às tentativas iluministas de integração dos judeus na sociedade alemã em geral, passaram da fase da “assimilação” para a conversão a alguma das religiões cristãs, mormente para protestantismo. Se durante décadas puderam iludir-se a respeito de que este tipo de decisão os preservaria do preconceito e os salvaria da perseguição, a tomada do poder pelos nazistas e a execução sistemática de seus planos de dominação logo os trouxe violentamente de volta para a realidade. Uma realidade que para a grande maioria deles significou a morte, mas que para Victor Klemperer teve um final feliz, em dois sentidos, pelo menos. Simplesmente porque ele sobreviveu e, ainda mais, porque pôde cumprir com o seu mais ardente desejo, com aquilo que ele considerou o seu dever primordial: prestar testemunho.

## 2.1 Paráfrase

O livro objeto do presente trabalho consta, como já foi dito na sua introdução, de trinta e seis capítulos, precedidos de um prefácio e encerrados por um posfácio. Tal como também já foi dito na introdução, o mesmo passa agora a apresentar uma paráfrase da obra estudada, a fim de aproximá-la do leitor brasileiro, que não tem acesso ao seu original em alemão.

## 2.2 O prefácio:

### **HEROISMUS - Statt eines Vorwortes** **Heroísmo. Ao invés de um prefácio**

*Sprache ist mehr als Blut*<sup>1</sup>  
Franz Rosenzweig

A 'LTI' se inicia com as seguintes palavras:

*“In den Stunden des Ekels und der Hoffnungslosigkeit, in der endlosen Öde mechanischster Fabrikarbeit, an Kranken- und Sterbebetten, an Gräbern, in eigener Bedrängnis, in Momenten äußerster Schmach, bei physisch versagendem Herzen – immer half mir diese Forderung an mich selber: beobachte, studiere, präge dir ein, was geschieht – morgen sieht es schon anders aus, morgen fühlst du es schon anders; halte fest, wie es eben jetzt sich kundgibt und wirkt”*<sup>2</sup>

Torna-se claro, pois, desde o início, que a obra é uma denúncia do autor, empenhado em reagir, com toda energia possível, contra o rebaixamento absoluto que o nazismo estabeleceu para todos os judeus.

Já á partir deste prefácio, fica claro que o autor quer denunciar que houve uma linguagem nazista que manipulou a mente do povo alemão e que o agrediu pessoalmente, por assim dizer, durante todo o tempo da guerra. A Segunda Guerra Mundial tinha terminado quando Klemperer decide escrever este livro. Mas as pessoas continuavam empregando os termos da “língua do Terceiro Reich”, como que sem

<sup>1</sup> Língua é mais do que sangue. 'LTI', Prefácio.

<sup>2</sup> “Nas horas da repugnância e da desesperança, na esterilidade infinita do trabalho mecânico na fábrica, junto a leitos de doentes e moribundos, junto a sepulturas, em momentos de aflição pessoal, de extrema humilhação, com o coração fisicamente claudicante, sempre me ajudou a exigência de observar, estudar, gravar na memória o que ocorre, pois amanhã tudo haverá de ser diferente, amanhã tu o sentirás de modo diferente; retém na mente justamente o que se revela agora e nos influencia.”. 'LTI', p.18.

perceber que ela fora manipulada. Klemperer chega a questionar-se até quando a língua alemã deixaria de ser prisioneira dos neologismos nazistas e do desvirtuamento dos termos filosóficos, e ele próprio responde: Somente quando o fato gerador desaparecesse. O que justifica o emprego da palavra *Entnazifizierung* (desnazificação<sup>3</sup>), já que o hábito de pensar em termos nazistas e a própria 'LTI', seu principal alimento, ainda se encontravam nas mentes alemãs.

O conceito de heroísmo, por exemplo, continuava desvirtuado. Sob o título “Heroísmo. Ao invés de um prefácio”, esta introdução da 'LTI' apresenta um apanhado geral do que foram os doze anos do horror nazista e o que Klemperer vivenciou devido a linguagem usada oficialmente nesse período. O termo *Entdunkeln* (desescurer<sup>4</sup>) vem-lhe à mente à guisa de exemplo, e o remete à semana de 23 de junho a 1º de julho de 1941, em que foi prisioneiro da polícia de Dresden. Em 10 de fevereiro daquele ano esquecer-se de escurecer a janela de sua casa no *Judenhaus* durante o blecaute e um “bom vizinho” viu-se na necessidade de denunciá-lo à polícia, ocasionando sua prisão. Apesar do medo pelo qual passou, não deixa de mencionar que a polícia de Dresden poderia ser chamada de ‘quase’ gentil, se comparada à Gestapo. Durante todo seu relato até maio de 1945, quando do fim do período nazista, sempre menciona o pavor que sentia de que pudesse vir a ser *geholt* pela Gestapo, ser buscado na calada da noite, tal como ele lembra que ocorreu com vários moradores do *Judenhaus* em que vivia.

Em dezembro de 1941, Klemperer juntamente com Paul Kreidl, outro morador do *Judenhaus*, constata que o emprego dos termos *heldenhaft* (heróico)<sup>5</sup>, que Paul lera no noticiário do exército, além de heróis e de heroísmo, conotava no jargão nazista que os soldados se encontravam em estado deplorável no campo de batalha na África. Ou seja, a palavra *Heroismus* estava desvirtuada por uma associação de idéias que significava, na verdade, um necrológio. O sentido oculto da palavra era que soldados nazistas estavam morrendo em pencas no *front* africano. Em 1942, esse companheiro do *Judenhaus*, que vivia lá com sua mãe, é deportado para um campo de concentração, do qual não voltou mais. Quando Klemperer volta a Dölzchen, terminada a guerra, ele fica sabendo que Paul morrera enforcado em Auschwitz. Sua mãe tinha sido deportada,

---

<sup>3</sup> 'LTI', p.7

<sup>4</sup> 'LTI', p.7.

<sup>5</sup> 'LTI', p.16.

alguns meses depois, para Theresienstadt. Outro Kreidl, Ernst, que também morava lá, foi deportado para Buchenwald e a urna com suas cinzas foi devolvida para o *Judenhaus*. Para poder enfrentar os riscos constantes a que estava exposto, Klemperer manteve suas anotações diárias com muita intensidade, pois a sua vida, como a de seus companheiros, sempre esteve por um fio, e para ele era importante, nunca é demais repetir, deixar seu testemunho para as gerações seguintes.

Feliz de poder conversar com os jovens, no imediato pós-guerra, sobre temas como democracia, cultura e humanismo, a esperança que neles depositara se esvai ao se deparar com termos que eles empregavam, tais como *heldisches Verhalten* (conduta heróica), *heroischer Widerstand* (resistência heróica) ou *Heroismus* (heroísmo)<sup>6</sup>, com um sentido que, para ele, ainda estava desvirtuado. Os jovens eram incapazes de separar o conceito nazista de heroísmo de seu verdadeiro significado, ao qual Klemperer dedica este prefácio. Presta justa homenagem ao heroísmo autêntico de Eva, sua mulher, que estoicamente enfrentou todas as agruras da guerra, sem direito sequer ao suicídio. Não fora seu heroísmo, ele teria sido morto, como o foi grande parte dos judeus da Europa. Os manuscritos da 'LTI' também não teriam sido salvos sem o heroísmo de Eva e da Dra. Annemarie Köhler<sup>7</sup>, médica amiga do casal Klemperer, em casa de quem os manuscritos ficaram escondidos durante todo o período nazista.

Em 1946 os jovens nem percebiam o quanto ainda estavam presos ao *Gedankengang des Nazismus* (pensamento condutor do nazismo), embora ele viesse de uma *abgelaufene Epoche* (época já encerrada). Klemperer explica que essa intensa alienação foi produto do conceito educacional de Hitler, explicitado em *Mein Kampf*<sup>8</sup>. Justamente uma das características do livro 'LTI' é mostrar o terrível medo que Hitler sentia das pessoas que pensam. Sua doutrina educacional deixava vaziar

*die Angst vor dem denkenden Menschen* (o medo diante do ser pensante) e *der Hass auf das Denken* (o ódio contra o pensar).

---

<sup>6</sup> 'LTI', p. 9

<sup>7</sup> A partir de 1937, a médica Annemarie Köhler passou a atender em Pirna, localidade próxima de Dresden. Eva Klemperer levava os manuscritos da 'LTI' sistematicamente para lá, onde conseguiu que ficassem escondidos até o final da guerra. Cabe ressaltar que a Dra. Köhler sempre foi malvista pelo regime, pois se negava a fazer o cumprimento nazista, mas foi tolerada dada a escassez de médicos naquela região.

<sup>8</sup> 'Minha Luta'. Único livro que Hitler escreveu, quando esteve preso em 1924. Tornou-se a bíblia do nacional-socialismo.

Hitler valorizava *das Körperliche weitaus im Vordergrund* (a condição física em primeiríssimo lugar) e a *körperliche Ertüchtigung* (capacitação física), baseado na tradição do exército do imperador Guilherme, que ele via como

*die einzige gesunde und lebensspendende Einrichtung eines im übrigen verfaulenden Volkskörper<sup>9</sup>*,

manifestando assim sua repugnância pelo espírito democrático e pela liberdade de pensamento da República de Weimar. Qualquer manifestação subjetiva do ser humano deveria ser suplantada pela

*körperliche Leistungsfähigkeit* (capacidade de desempenho física).

Klemperer mostra o papel de destaque que Hitler concede ao empenho de seu pequeno grupo de ordem, os SA,

*die braunen Sturmabteilungen* (divisões de assalto marrons), que ele via como *seine eigentlichen Helfer im Ringen um das Herz des Volkes<sup>10</sup>*.

Desde o início de sua ascensão, Hitler vangloriava-se de seu enorme sucesso em arregimentar as massas por meio de sua capacidade oratória. Goebbels define as SA da mesma forma que Hitler:

‘o que conta é o heroísmo dos „*alte Kämpfer*” (antigos combatentes)’.

Outra expressão do caráter totalitário da 'LTI' assinalada neste prefácio é a diferença que foi feita entre os feridos por cortes de estilete nos pulmões, que eram os comunistas, (que Klemperer acha que podem ser considerados autênticos heróis), agredidos pelas SA e os nazistas, que sofriam ferimentos na cabeça, provenientes de suas bebedeiras, explicação proveniente da Dra. Annemarie Köhler. Nesse contexto de valorizar a briga, tanto o *Mein Kampf* de Hitler, quanto o *Kampf um Berlin* (Luta por Berlim) de Goebbels se complementavam:

„*kämpferisch*“ (batalhador), *mit schiefer und falscher Verwendung des Begriffes* (conceito aplicado de forma torta e falsa), *besser als kriegerisch* (melhor do que guerreiro), pois este conceito *verriet Streitlust und Eroberungssucht* (denunciava disposição de briga e ambição por conquistas).

Uma outra característica da 'LTI' apontada aqui por Klemperer foi o apelo à vaidade. Afora o pseudo-heroísmo infiltrado no espírito militarista do regime por meio da

<sup>9</sup> A única organização saudável e vital de um corpo, aliás apodrecido, do povo. 'LTI', p.9

vestimenta marrom dos SA, valorizava-se a indumentária e a figura do motociclista, seu capacete, luvas e óculos. A 'LTI' podia ser reconhecida nos cartazes de rua e nas *Denkmünzen* (moedas comemorativas), destacando o modelo genérico de heroísmo dos soldados das SA. Em todos sobressaía o olhar fixo, duro e emblemático de decisão, firmeza e ambição pela vitória, tal qual nas obras de Marinetti, italiano da escola futurista, de forte influência sobre o fascismo<sup>11</sup>. De 1939 até a queda do Terceiro Reich, o herói sempre vestia trajes militares e posava ao lado dos veículos blindados, como se heroísmo fosse uma questão de aparência<sup>12</sup>.

Esse prefácio apresenta, pois, uma série de formas de desvirtuamento do termo “heroísmo” feitas pela LTI, afora pretender salvar para o futuro o conceito verdadeiro do termo. Cabe aqui assinalar que o termo que dá o título a este prefácio, *Heroismus*, caiu em desuso na Alemanha Ocidental do pós-guerra. É, neste contexto, o primeiro exemplo de uma palavra que, devido ao abuso que dela se fez durante o período nazista, ficou marcada como pertencendo à língua do Terceiro Reich, transformando-se num tabu para os alemães ocidentais do pós-guerra. A tentativa de Klemperer, de salvar o sentido original da palavra para mantê-la em uso, pode ser vista como uma das diferenças do vocabulário usado nas duas Alemanhas, de 1945 a 1989.

---

<sup>10</sup>Seus verdadeiros auxiliares na luta pelo coração do povo. 'LTI', p.10.

<sup>11</sup>'LTI', p.286.

<sup>12</sup> Quando Klemperer retorna a Dölzchen se depara com o livro “*Mein Mann, der Rennfahrer*” da piloto de aviação Elly Beinhorn Rosemeyer, viúva, após pouco tempo de casada com o corredor de carros Bernd Rosemeyer, morto em acidente em 1938. Dado seu *status* de herói, no seu caso não se cultuava o luto. O estilo ingênuo de Elly diante do heroísmo dele era 'LTI' pura. Um grupo de *BDM-Bund Deutscher Mädchen* (Aliança das Meninas Alemãs) se chamava Elly Beinhorn.



## 2.3 Capítulo I

### ***'LTI' - Lingua Tertii Imperii***

A língua do Terceiro Reich

*... vom Gesicht einer Zeit, eines Landes zu reden, genauso wird der Ausdruck einer Epoche als ihre Sprache bezeichnet. Die Sprache bringt es an dem Tag<sup>1</sup>.*

Quando Klemperer se dá conta de que seu campo profissional estava perdido, sente-se compelido a voltar os seus estudos para a língua vigente, que estava sendo mudada radicalmente, mas de maneira subliminar. Uma das formas do partido nazista exercer o totalitarismo foi normatizando a língua por meio de uma coincidência absoluta entre a língua escrita e a língua falada. Inadvertidamente, tanto as vítimas quanto os algozes se expressavam por meio desta, que já era a linguagem nazista. É até possível que o nazismo não tenha criado sequer uma nova palavra (somente siglas), mas certamente desvirtuou o sentido de muitas.

Neste capítulo Klemperer dedica-se ao fenômeno da proliferação de siglas promovida pelos nazistas, e explica as siglas do início do período, como BDM, HJ e DAF<sup>2</sup>, que incomodam sua sensibilidade filológica. Vem-lhe à mente que esta linguagem foi um

*flüchtiger Notbehelf des Erinnerns, als ein an mich selbst gerichteter SOS-Ruf steht das Zeichen 'LTI' in meinem Tagebuch<sup>3</sup>.*

É como se fosse uma fórmula mágica que o autor encontra como sinal de alerta para preservar sua liberdade interior contra o sentido massificador desta linguagem. Ela é estanque. Não oscila nem para exprimir vida, nem para discursar. Seu estilo é o mesmo, quer para falar de escombros, das SA e SS<sup>4</sup>, da propaganda, das valas comuns dos assassinados. Escolhe termos em qualquer idioma para afunilar a mente do povo no sentido

<sup>1</sup> A linguagem é a expressão de uma época, tanto quanto ela é o retrato de um tempo e de um país. A linguagem traz à tona. 'LTI', pp. 18 e 19.

<sup>2</sup> *Bund Deutscher Mädchen, Hitler Jugend e Deutsche Arbeitsfront* (Aliança das Moças Alemãs, Juventude Hitlerista e Frente de Trabalho Alemã).

<sup>3</sup> um fugaz auxílio de emergência da memória, como um pedido de socorro a mim mesmo, se encontra em meus diários a expressão 'LTI' 'LTI', p.17.

<sup>4</sup> SA: *Sturm Abteilung* (Divisão de Assalto); SS: *Schutzstaffel* (Tropa de Proteção).

que for útil à cúpula nazista, visando a desenvolver o preconceito racial antijudaico e valorizar a raça ariana.

*Garant klingt bedeutsamer als Bürge<sup>5</sup>, und diffamieren imposanter als schlechtmachen<sup>6</sup>. Vielleicht versteht es auch nicht jeder, und auf den wirkt es dann erst recht<sup>7</sup>.*

No início do nazismo Klemperer se sente avassalado pelos painéis de propaganda, os dizeres nas vitrines, os uniformes marrons, as bandeiras, o braço estendido da saudação nazista e os bigodes hitleristas aparados.

*Ich hatte übergenug an der Sprache der Schaufenster, der Plakate, der braunen Uniformen, der Fahnen, der zum Hitlergruss gereckten Arme, der zurechtgestutzten Hitlerbärtchen<sup>8</sup>.*

Não quer perceber que sua sala de aula estava se esvaziando, pois lera óbvio que literatura francesa era um tema que não denotava patriotismo. Mas, por mais que uma pessoa tente disfarçar o que sente, quer dos outros, quer de si mesmo, não o consegue por muito tempo. A busca de Klemperer para extrair dos jornais somente notícias objetivas foi em vão. O nazismo dominava tudo. Aos poucos as questões com as quais estava envolvido vão por água a baixo. Em 1935 perde sua cátedra. A partir de outubro de 1938 o nazismo tira-lhe o direito de freqüentar bibliotecas, justamente a do *Dresdner Japanischer Palais*, onde ele pesquisava Voltaire, Montesquieu e Diderot, seus iluministas favoritos, e onde se sentia tal qual *die Made im Speck<sup>9</sup>*. Por fim, em 1940, perde sua própria casa. Amiúde anota que, apesar de todas as agruras possíveis, o principal era que ele e Eva estavam juntos<sup>10</sup>. A necessidade que sente em anotar diariamente as modificações na linguagem, as quais, parodiando as siglas inventadas por Goebbels, já passara a denominar 'LTI', fez com que lembrasse de uma anedota sobre a vara do equilibrista:

<sup>5</sup> *Garant*, palavra provinda do francês, soa melhor do que *Bürge*, palavra de raiz alemã. As duas palavras significam “fiador”. 'LTI', p.17.

<sup>6</sup> E, ‘difamar’ soa mais imponente do que ‘caluniar’. 'LTI', p.17.

<sup>7</sup> Há muita gente que talvez não entenda, e o efeito será mais decisivo naqueles que não entendem nada. 'LTI', p.17.

<sup>8</sup> Já estava saturado dos dizeres nas vitrines, dos anúncios, dos uniformes marrons, das bandeiras, da saudação nazista com braço estendido e dos bigodes hitleristas aparados. p.19.

<sup>9</sup> “O verme no toucinho”, literalmente. Extremamente à vontade. 'LTI', p.20.

<sup>10</sup> Convém lembrar que Rudolf Hess, chefe principal do campo de concentração e extermínio de Auschwitz anota em suas memórias, que apesar dos judeus serem um povo que tinha de ser exterminado, compunha-se de pessoas que valorizavam a família e eram muito carinhosos entre si.

“Vater” fragt also ein Junge im Zirkus, “was macht denn der Mann auf dem Seil mit der Stange?” – „Dummer Junge, das ist eine Balancierstange, an der hält er sich fest!“ - “Au, Vater, wenn er sie fallen lässt?”<sup>11</sup>”.

Aqui Klemperer já dá a entender que a 'LTI', embutida nos "Diários", foi a “vara do equilibrista” à qual se segurava firmemente para não perder o seu prumo e cair destrocado. Caso tivesse publicado os "Diários" sem ter extraído a 'LTI' de dentro deles, teria mantido o nome 'LTI', pois as anotações foram a metáfora do aprisionamento pelo qual a Alemanha passou em todos os sentidos; para Klemperer, como dito acima, a ‘língua é a expressão de uma época e de um país’. Uma pessoa pode mentir, mas seu estilo haverá de denunciá-la. “*Le style c'est l'homme*<sup>12</sup>”.

Como filólogo, Klemperer mostra o caminho que a LTI percorreu para atingir as mentes do povo.

*Der Nazismus glitt in Fleisch und Blut der Menge über durch die Einzelworte, die Redewendungen, die Satzformen, die er ihr in millionenfachen Wiederholungen aufzwang und die mechanisch und unbewusst übernommen wurden*<sup>13</sup>. *Man pflegt das Schiller-Distichon von der „gebildeten Sprache, die für dich dichtet und denkt“, rein ästhetisch und sozusagen harmlos aufzufassen*<sup>14</sup>

*... Aber Sprache dichtet und denkt nicht nur für mich, sie lenkt auch mein Gefühl, sie steuert mein ganzes seelisches Wesen), je selbstverständlicher, je unbewusster ich mich ihr überlasse*<sup>15</sup>.

Klemperer ilustra o risco constante que viveu para desenvolver suas anotações. A Gestapo de Dresden, por meio de seus agentes Weser e Clemens

*(besondere Folterknechte der Dresdner Juden)*<sup>16</sup>,

<sup>11</sup>O menino pergunta no circo: - “Pai, o que aquele homem está fazendo na corda com a vara?” - “Ora, seu bobinho, é sua vara de equilibrista”. - “Mas, e se ele largá-la?” 'LTI', p. 17.

<sup>12</sup>O estilo é o homem. 'LTI', p. 19.

<sup>13</sup>O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras isoladas, expressões, formas de frases, que se lhes (às massas) impunha por meio de milhões de repetições e que foram aceitas inconsciente e mecanicamente. 'LTI', p.24.

<sup>14</sup>Costuma-se considerar a citação de Schiller ‘língua culta, que pensa e poetiza por ti’ como meramente estética e inofensiva.

<sup>15</sup>Mas a língua não pensa e poetiza somente para mim, ela também conduz meu sentimento, ela dirige todo meu ser espiritual com mais naturalidade, quanto mais eu a ela inconscientemente me entregar. 'LTI', pp. 24 e 25.

também apelidados pelos judeus como

*Schläger und Spucker* (o que bate e o que cospe),

lhe fez ameaças reais durante uma inspeção domiciliar.

*“Wie kannst du es überhaupt wagen, ein Werk aus der Leihbibliothek hier zu haben?”<sup>17</sup>*

Mas o livro fora retirado por Eva, ariana. Weser bateu muito na cabeça dele com o “O Mito do Século XX” de Alfred Rosenberg e rasgou as anotações de Klemperer. Caso as tivesse entendido, tudo estaria perdido. Klemperer teria sido enviado para um campo de concentração.

Mas quando Klemperer transforma suas anotações em livro já era o período pós-guerra. Klemperer oferece estímulo aos pesquisadores futuros, visando uma equipe multidisciplinar, *Historiker und Nationalökonomien* (historiadores e economistas), para pesquisarem tudo o que fora referente ao nacional-socialismo. Ele se questiona por quê não estruturar a LTI simplesmente a partir dos diários?

*Weil eine Tendenz im Spiel ist, weil ich mit dem wissenschaftlichen Zweck zugleich einen erzieherischen verfolge<sup>18</sup>*

E, apresenta sua 'LTI' com muita modéstia, como trabalho da primeira hora, quando o futuro, que mencionava no tempo da guerra, já é o presente. Supõe que seu tempo de vida e seus conhecimentos científicos sejam insuficientes para estudar o fenômeno 'LTI', mas pretende com este livro dar início a esta pesquisa sobre a manipulação da linguagem nazista. Talvez o veneno da linguagem nazista somente possa ser extirpado seguindo um ritual judaico, sepultando-o para sempre na terra.

---

<sup>16</sup> Algozes, torturadores especiais dos judeus de Dresden. 'LTI', p. 21.

<sup>16</sup> 'LTI', p. 23.

<sup>17</sup> Como ousas ter um livro da biblioteca circulante contigo? 'LTI', p. 21.

<sup>18</sup> Porque há uma tendência em jogo; porque, afora a razão científica, eu persigo também um objetivo educacional. 'LTI', p. 23.